



GIOVANNA MARIA EMILIORELI

**IDENTIDADES EM TRANSFORMAÇÃO: EFEITOS DE
INTERCÂMBIOS INTERNACIONAIS
NA FORMAÇÃO DOCENTE**

**LAVRAS – MG
2017**

GIOVANNA MARIA EMILIORELI

**IDENTIDADES EM TRANSFORMAÇÃO: EFEITOS DE INTERCÂMBIOS
INTERNACIONAIS NA FORMAÇÃO DOCENTE**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras,
como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em
Educação, área de concentração Formação de professores,
para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora
Dra. Tania Regina de Souza Romero

**LAVRAS – MG
2017**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da Biblioteca Universitária da UFLA, com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

Emilioreli, Giovanna Maria.

Identities in transformation: effects of international exchanges in formation / Giovanna Maria Emilioreli. - 2017.
98 p.

Orientador(a): Tania Regina de Souza Romero.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Lavras, 2017.

Bibliografia.

1. Narrativa autobiográfica. 2. Identidade docente. 3. Formação de professor. I. Romero, Tania Regina de Souza. . II. Título.

GIOVANNA MARIA EMILIORELI

**IDENTIDADES EM TRANSFORMAÇÃO: EFEITOS DE INTERCÂMBIOS
INTERNACIONAIS NA FORMAÇÃO DOCENTE**

**IDENTITIES IN TRANSFORMATION: EFFECTS OF INTERNATIONAL
EXCHANGES IN TEACHER TRAINING**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras,
como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em
Educação, área de concentração Formação de professores,
para a obtenção do título de Mestre.

Aprovada em 29 de junho de 2017.

Dra. Dilma Maria de Mello	UFU
Dr. José Antônio Araújo Andrade	UFLA
Dra. Patrícia Vasconcelos Almeida	UFLA

Dra. Tania Regina de Souza Romero
Orientadora

**LAVRAS – MG
2017**

*A Deus e a Nossa Senhora Aparecida
por conseguir cumprir mais uma etapa da minha vida
e por me darem uma família abençoada.*

OFEREÇO.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Lavras (UFLA) e ao Departamento de Educação (DED), pela oportunidade de realização desta dissertação.

À Universidade Federal de Lavras (UFLA), pela concessão da bolsa institucional, pois sem ela seria muito difícil findar este processo.

À professora e orientadora, Dra. Tania Regina de Souza Romero, por sua dedicação, pelo apoio e pela amizade, tornando esta etapa mais fácil e prazerosa de ser executada.

À professora Dra. Patrícia Vasconcelos Almeida que me recebeu com muito carisma e que me inspirou a realizar este mestrado.

À professora Dra. Dilma Maria de Mello por suas inúmeras contribuições.

Ao professor Dr. José Antônio Araújo Andrade pelo cuidado e contribuições destinado a este trabalho.

A todos os professores do DED, em especial à Prof^ª Cláudia, ao Prof^º Vanderlei, ao Prof^º Ronei, ao Prof^º Fábio, à Prof^ª Jack e à Prof^ª Rosana.

À Cissa e ao Fábio, pelos quais tenho imenso carinho.

Às meninas da Linguística Aplicada, Lu e Sil, pela preocupação e pela presença ativa. À Alini, Kati e a Dani por compartilharmos essa caminhada.

Aos amigos do Mestrado Profissional UFLA, em especial à Jaciluz pelo apoio constante e pelos ensinamentos filosóficos.

Aos participantes da pesquisa, pela disponibilidade, pela paciência ao participar da entrevista.

À *EVSfamily*, Andreina, Rodolfo, Jéssica, Daniel, Ulli, Dário, Cedric, Gerard, Giuseppe trazendo lembranças memoráveis.

Por todos que estiveram presentes na minha caminhada, que me inspiraram e que de uma forma ou de outra fizeram parte da minha história, Mirka, Ivka, Helena, Veronika, Lucka e Loren.

Aos meus pais, Edgard e Ana Lucia, e a minha irmã Graziella, pela torcida, pelos pensamentos positivos, pelo carinho, pelo amor e pelo apoio incondicional.

À minha grande amiga e companheira Aline, por suas orientações, pelo exemplo, pela compreensão e pela dedicação.

Aos meus avôs, à vó Santa que sempre me passa energia positiva e peço desculpas por minha ausência, à vó Guiomar, vô Joaquim e vô Antônio (*in memoriam*).

Às minhas tias, em especial a Tia Fatinha, por todo carinho, apoio e incentivo, pelas orientações de referências e citações.

Aos meus tios e primos, por doarem um pouco de seu tempo para me ouvirem falar sobre meu trabalho que eles não estavam entendendo nada (rs).

Às minhas primas, em especial à Roseane, que tanto considero e que me ouve sem me questionar.

À minha afilhada favorita Thaisinha por querer tentar entender este trabalho.

À minha segunda família Lena, Lilian, Isis, PC e em especial a Aninha que torna meu dia mais feliz com aquele sorriso lindo.

Aos amigos e amigas agradeço a compreensão da minha ausência e peço desculpas se extrapolei nesses últimos 18 meses no discurso apenas acadêmico.

A turma da *bike* que mesmo sem saber da minha vida acadêmica me ajuda indiretamente a desestressar.

Aos animais que tanto amo Mel, Loira, Pretinho (*in memoriam*), Amarelinha (Piuuuu), Brasileirinho e Neve.

A Deus e a Nossa Senhora Aparecida, por terem me proporcionado saúde e força para concluir mais uma etapa da minha vida.

Muito obrigada!

RESUMO

Interagir com professores imersos em ambiente multicultural é uma forma de compartilhar vivências e desvendar questões comuns no devir docente, as quais podem interferir na identidade do professor de língua adicional. Este estudo de abordagem qualitativa e de cunho sócio-histórico enfocou momentos nodais e causais que se configuram como marcantes no percurso de formação do docente de línguas, especificamente considerando profissionais com vivência em outros países. Os objetivos exploratório-descritivos foram divididos em objetivo geral - identificar transformações identitárias e os efeitos decorrentes da vivência no intercâmbio. E os objetivos específicos - analisar minha própria experiência; analisar a experiência de outros professores ex-intercambistas; refletir sobre transformações de identidade como efeito de intercâmbios. Esses objetivos foram traçados de acordo com duas perguntas norteadoras, sendo a primeira - Quais são os efeitos dos intercâmbios internacionais que podem ter influenciado os participantes a se tornarem professores de Língua Inglesa? E a segunda - Quais são as possíveis transformações de identidade decorrentes do intercâmbio segundo as percepções desses participantes? Os principais conceitos que sustentam teoricamente a pesquisa são: na Linguística Aplicada (KLEIMAN, 1995; KUMARAVADIVELU, 2006; OLIVEIRA, 2009); sobre a Narrativa Autobiográfica (MAGALHÃES, 2010; PAIVA, 2008; ROMERO, 2010), depois temos o subtítulo de Identidade (BLOCK, 2017; HALL, 2005) e dentro do mesmo subtítulo Identidade Docente com (SOUZA, 2016; VASCONCELOS, 2004); ainda na sequência Identidade Docente do profissional de Língua Adicional (BLOCK, 2015; STEIN, 2013), e para fechar sobre Identidade, encontra-se as Identidades em construção estando imerso em outra cultura (PLEWS, 2014), na sequência tem-se Formação de Professor (LIMA; PIMENTA, 2012; MELLO, 2010); e para fechar o referencial teórico encontra-se O contexto cultural no momento da imersão em outro país (WILKINSON, 1998). Após o levantamento e estudo dos conceitos teóricos, o material de análise foi coletado por meio da técnica de entrevista e elaboração da minha narrativa autobiográfica. Posteriormente, foi realizada a organização do *corpus* que me permitiu realizar a análise de base interpretativa. Os resultados sinalizam para efeitos positivos que os intercâmbios proporcionam para transformação e ressignificação da identidade, tanto pessoal como profissional, o que pode ser percebido pelos excertos retirados das falas dos participantes que ressaltam, especificamente: a influência do intercâmbio para se tornarem docentes; a experiência profissional; a identificação não apenas como professor de línguas, mas como falante da língua; a motivação para lecionar; as novas metodologias de ensino; o pensar em modelos culturais diferentes e a apropriação de novos métodos de ensino; o aprimoramento da língua; e ainda a interação com outra cultura. Espero que esta pesquisa contribua para melhor compressão sobre as transformações identitárias, como também sobre os efeitos dos intercâmbios internacionais na formação dos docentes de línguas. A partir desta investigação novas pesquisas podem ser realizadas no campo LA.

Palavras-chave: Narrativa autobiográfica. Identidade docente. Formação de professor.

ABSTRACT

Interacting with teachers immersed in a multicultural environment is a way of sharing experiences and unveiling common issues in becoming a teacher, which may interfere in the identity of the additional language teacher. This qualitative study and socio-historical approach focused on nodal and causal moments that are characterized as outstanding in the language teacher training course, specifically considering professionals with experience in other countries. The exploratory-descriptive objectives were divided into a general objective - to recognize identity transformations and the resulting effects of the exchange experience. And the specific objectives – to analyze my own experience; analyze the other ex-exchange teachers' experience; reflect on identity transformations as exchanges effect. These objectives were drawn according to two guiding questions, first one - What are the international exchanges effects that may have influenced the participants to become English language teachers? And the second - What are the main identity transformations arising from the exchange according to the perceptions of these participants? The main concepts that theoretically support the research are: Applied Linguistics (KLEIMAN, 1995; KUMARAVADIVELU, 2006; OLIVEIRA, 2009); In Autobiographic Narrative (MAGALHÃES, 2010; PAIVA, 2008; ROMERO, 2010), then we have the legend Identidade (BLOCK, 2017; HALL, 2005); and within the same subtitle Teaching Identity with (SOUZA, 2016; VASCONCELOS, 2004); Still in the sequence of the Identity of the Teaching of the Additional Language Professional (BLOCK, 2015; STEIN, 2013), and to end on Identity, the Identities under construction being immersed in another culture (PLEWS, 2014), followed by Teacher Training (LIMA; PIMENTA, 2012; MELLO, 2010); and to wind up the theoretical framework we have the cultural context at the time of immersion in another country (WILKINSON, 1998). After the survey and study the theoretical concepts, the analysis material was collected by interview technique and elaboration of my autobiographical narrative. Subsequently, the *corpus* organization was carried out, which allowed me to perform the interpretative basis analysis. The results point to the positive effects that exchanges provide for the transformation and re-signification of the identity, both personal and professional, which can be perceived by the excerpts taken from the participants statements that specifically highlight: the exchange's influence to become teachers; professional experience; identification not only as a language teacher, but as a speaker of the language; motivation to teach; new teaching methodologies; thinking about different cultural models and to appropriate of new teaching methods; language improvement; and interaction with another culture. I hope that this research contributes to a better understanding of the identity transformations as well as the effects of international exchanges in the language teachers training. From this work, new researches can be carried out in the Applied Linguistics area.

Keywords: Autobiographical narrative. Teaching identity. Teacher training.

SUMÁRIO

	NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA.....	10
	CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	22
1	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	25
1.1	Linguística Aplicada.....	25
1.2	Narrativa autobiográfica.....	27
1.3	Identidade.....	29
1.4	Formação de professor.....	35
1.5	O contexto cultural no momento da imersão em outro país.....	39
2	METODOLOGIA.....	41
2.1	Percurso Metodológico.....	41
2.2	Participantes.....	42
2.3	Geração do <i>corpus</i> de análise.....	43
2.3.1	Narrativa autobiográfica.....	43
2.3.2	Entrevistas.....	44
2.4	Sistematização e procedimento de análise.....	44
3	DISCUSSÃO DOS DADOS.....	46
3.1	Quais são os efeitos dos intercâmbios internacionais que podem ter influenciado os participantes a se tornarem professores de Língua Inglesa?...	47
3.2	Quais são as possíveis transformações de identidade decorrentes do intercâmbio segundo as percepções desses participantes?.....	56
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
	REFERÊNCIAS.....	71
	APÊNDICE.....	74

NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA

Ao abordar as questões sobre narrativa autobiográfica, Romero (2010) reporta ao Uyeno (2007), corroborando com este autor sobre as autobiografias terem função de destaque nas ciências humanas, por mostrar sua importância como base de reflexão pessoal e, especificamente, de aprendizagens vicárias, além de ter um potencial de revelar verdades e, acima de tudo, confissões.

A autobiografia, para os autores supracitados, é um procedimento que leva o indivíduo ao autoconhecimento. Essa explicação, para Foucault (1986), é denominada “Tecnologias do Eu”, o que aponta ao entendimento, questionamento, avaliação ou até mesmo à transformação da identidade.

Abaixo se encontra minha narrativa autobiográfica, com a qual construí com subtítulos a cada momento nodal, durante o período que estive imersa em outra cultura.

➤ **Um pequeno relato da minha vida**

Nesta primeira parte, fiz um pequeno recorte da minha vida/história, em que tracei minha biografia, pois ponderei importante que as pessoas conheçam o meu *background*.

Meu nome foi escolhido por meu pai que é descendente de italianos e escolheu me dar este nome, pois sua avó paterna viera da Itália e fora reconhecida, no Brasil, como “Joana”, pronúncia adotada aqui naquela época, em vez de Giovanna. Meu segundo nome, escolhido por minha mãe, é pela sua grande devoção à Nossa Senhora.

Esse esclarecimento sobre a escolha do meu nome permite uma aproximação de parte da realidade do contexto em que nasci. Meus pais são extremamente unidos e, mesmo não tendo condições de nos proporcionar o que há de melhor (para minha única irmã e eu), materialmente, nunca nos deixaram faltar nada de essencial.

Sou lavrense e iniciei meus estudos, aos seis anos, na Escola Estadual Paulo Menicucci (Lavras-MG) e depois concluí o ensino médio na Escola Estadual Dr. João Batista Hermeto (Lavras-MG). Minhas atividades estudantis foram na totalidade públicas.

Com o término do ensino médio, tentei o vestibular para três diferentes cursos (bem diferentes mesmo), Letras, Agronomia e Educação Física. Penso que essa diferença de

escolhas se deu ao momento vivido de grandes transformações no decorrer da adolescência. Eu sempre gostei muito de esportes e, também, da área rural, acredito que, por motivação dos meus avós camponeses, e Letras foi motivação vinda do meu pai, pois o sonho dele era ter uma filha “Letrada”.

Fui aprovada em Letras pelo Centro Universitário de Lavras - UNILAVRAS (instituição particular de Lavras). Depois de 2 anos de faculdade, eu quis parar, pois não me via lecionando a língua portuguesa, assim, conversei com os meus pais e eles disseram para eu terminar e, caso eu não me adaptasse, faria outra faculdade. De acordo com os meus pais, comecei a pensar em minha carreira profissional. Como meu curso me habilitaria para Português/Inglês e como sempre gostei do Inglês, decidi aprofundar no estudo desta língua.

Ao cursar Letras (com ênfase em uma segunda língua) percebi que o curso exigia um grande domínio da língua, o que me demandou um grande esforço. Comecei a aprofundar meus estudos em Língua Inglesa, mas, como nem sempre conseguia respostas para minhas perguntas, segui para um curso de inglês em uma escola de línguas. Ganhei um pouco de confiança para falar a língua, mas acredito que minha timidez sempre me atrapalhou na conversação.

Ao perceber meus entraves com a língua inglesa, eu não conseguia formular frases rapidamente e muito menos participar de um diálogo, então, comecei a me perguntar como aprender de modo eficaz e, também, mais rápido. Pois bem, sabia que aqui, no Brasil, em cursinhos, isso levaria anos, pois as grades curriculares apresentadas nessas escolas são de 8 a 10 anos, mas eu estaria graduada em 2 anos, por isso, comecei a pensar em como acelerar o meu processo de aprendizagem.

Assim que me formei, fui ser voluntária na minha cidade (Lavras), em uma ONG muito respeitada, que é um centro de educação especial, cuja proposta é construir um ambiente de complementação escolar para o estudante dotado e talentoso.

A metodologia da ONG apoia-se em elaborar um plano individual de trabalho para cada criança, de acordo com seu domínio e potencial, respondendo às suas necessidades e interesses e integrado ao trabalho da escola regular. Nessa ONG, comecei a lecionar a Língua Inglesa para crianças, foi quando surgiu uma oportunidade de ser voluntária em uma ONG na Europa.

A presidente dessa ONG havia feito algumas parcerias com ONGs na Europa, em dois países: a Eslováquia e a República Tcheca. Nesse momento, a presidente me convidou para

fazer parte e ser voluntária de uma ONG na Eslováquia, pois meu currículo ia ao encontro das atividades desempenhadas por eles.

Foi um momento muito importante para mim, pois estava finalizando a faculdade e, mesmo não indo para um país de Língua Inglesa, estaria no centro da Europa, onde, necessariamente, o inglês seria o mínimo necessário para me comunicar e, ainda, teria a oportunidade de aprender outro idioma.

Morei na Eslováquia por 1 ano, fui voluntária na ONG chamada KERIC, lá aprimorei meu inglês, aprendi novas metodologias para lecionar com crianças, adolescentes e adultos, aprendi um pouco de uma terceira língua e convivi com inúmeras culturas.

O KERIC é uma ONG em que são realizados trabalhos com crianças, jovens e adultos, tem uma gama de atividades desde educação, cultura, esportes e suas atividades principais são línguas e intercâmbios. O KERIC recebe inúmeros voluntários todos os anos de várias partes do mundo.

Esses relatos sobre minhas experiências de vida se configuraram em uma trajetória árdua e vivida com muita persistência. Além de atuar como Professora Particular de Língua Inglesa, consegui conquistar uma vaga no Mestrado em Educação da UFLA e, também, fiz parte do Projeto de Pesquisa Linguagem e Identidade Docente.

Meu interesse em buscar a formação profissional continuada originou-se em minhas inquietações como professora particular de Língua Inglesa. Após 8 anos na docência, percebi que precisava aprimorar meus conhecimentos, minhas metodologias e, dessa forma, foram surgindo questionamentos.

Eu me formei em 2006, com o foco bem direcionado para gramática tradicional, mas, com o passar do tempo e lendo artigos da área, percebi que eu precisava aperfeiçoar meu trabalho com teorias que pudessem ser mais motivadoras aos estudantes. Em uma de minhas buscas na internet, conheci a Linguística Aplicada e essa ciência me despertou para novos olhares.

A fim de aprimorar meus conhecimentos, no ano de 2015, inscrevi-me no processo de seleção do Mestrado Profissional na área de Educação em Formação de Professores pela Universidade Federal de Lavras - UFLA, no qual fui chamada para pesquisar, na linha de Linguística Aplicada, pela professora e minha orientadora Dra. Tania Regina de S. Romero e

nossa pesquisa de forma sucinta baseou-se em minha trajetória como educadora e no processo de formação de professores.

Foi muito gratificante poder realizar o mestrado, tanto no âmbito profissional como no pessoal e espero que outros professores, ao lerem meu percurso e, também esta dissertação, possam vir a refletir sobre a construção identitária de um educador de línguas.

➤ **Primeiros contatos com a língua inglesa imersa em outra cultura**

No período em que estive na Eslováquia, primeiramente, dividi a casa com uma garota do Uruguai (Lorena). Ela já havia morado nos EUA e falava um bom inglês, além do espanhol. Aprendi muito com ela, pois, como havia acabado de chegar à Europa, meu inglês era muito fraco e ela teve uma contribuição muito significativa na minha obtenção de vocabulário, pois, quando não entendia algo em inglês, ela falava em espanhol, o que ajudava bastante na compreensão, mesmo eu nunca tendo estudado espanhol.

Recordo-me de um dia, que foi bem marcante, ao conversar sobre comunicação. Mira, (responsável pela ONG – KERIC), tem um chalé em uma montanha próxima da cidade Čadca (lê-se Tiátissa), então, resolvemos passar lá o fim de semana, mas, como não tínhamos carro, decidimos ir a pé e aproveitar a vista da montanha, Ilma (professora de inglês), Lorena e Eu. Ilma era a única que já havia feito o caminho a pé e, antes de sairmos e olhando do ponto de onde estávamos, perguntei qual era a direção do chalé. Ilma me explicou e disse que em 2 horas lá estaríamos. Pois bem, começamos a subir, subir e, depois de 1h30min de caminhada, falei com Lorena (em português) que estávamos no caminho errado, e ela disse que já havíamos caminhado muito tempo. Então, eu lhe disse: - sim, e o pior é que estamos caminhando em círculos (quando entramos em uma mata fechada, não temos noção de onde estamos).

Porém, eu já havia feito corrida de orientação noturna e inúmeras caminhadas em matas, tenho um bom senso de direção, mas como não me sentia segura para falar em inglês, pedi a Lorena para informar à Ilma que estávamos andando em círculos. Ilma não concordou e continuamos caminhando na direção errada. Mesmo a Lorena, com um excelente inglês, não soube abordar Ilma e conversar, nesse momento, percebi que precisava comunicar com Ilma e tentar expor meu pensamento. Mas criar uma linha de raciocínio lógico, quando se está aprendendo uma língua é perturbador, pois eu sabia exatamente como mudar o nosso trajeto,

ou seja, voltar até um ponto do caminho, o qual era marcante para todos nós e, a partir desse ponto, seguir na direção oposta. Enfim, chamei Ilma e comecei a tentativa de explicar onde erramos, mas, sem pedir auxílio para Lorena, pois o diálogo entre elas já estava inflamado. Ilma não estava entendendo como tínhamos de fazer e, nesse momento, fiz um desenho no chão e ela acatou minha ideia e tomei frente em nossa caminhada.

Quero dizer, com esse fato, que a interação humana revela situações que devem ser analisadas, em cada contexto diferente, para que possamos ter uma comunicação eficiente.

➤ **Ambiente de convivência**

O Keric, normalmente, separava de 3 a 4 voluntários em cada república. Esse ambiente se tornava um espaço não apenas multilíngue, mas multicultural também.

Após três meses, Lorena retornou ao Uruguai e, nesse momento, chegou um garoto, o Dani, também do Uruguai, para dividirmos o apartamento.

Novamente tivemos uma boa relação e o mais curioso foi que, quando estávamos a sós no apartamento, a nossa comunicação era feita comigo na minha língua materna (português) e ele na língua dele (espanhol).

Como já expus, mesmo sem nunca ter estudado espanhol e nem convivido até então com nenhum falante da língua espanhola, pude perceber que entre as línguas românicas, o português e o espanhol são as que mantêm maior similitude entre si.

➤ **Ambiente de trabalho**

Foram 44h de Lavras - BR a Čadca - SK, quando cheguei estava exausta, dormi por 12h e apenas depois saí para conhecer a pequena cidade com, aproximadamente, 25mil habitantes.

Cheguei ao fim de semana e tive contato apenas com voluntários brasileiros, os quais lá já estavam e a comunicação foi tranquila (em português) até chegar segunda-feira e eu precisar me apresentar na ONG – KERIC.

Os membros da organização foram muito receptivos e logo perceberam que o meu inglês não propiciava longos diálogos. Para ser bem sincera, não entendia quase nada que a

Mira (responsável pela ONG) me falava, mas como estava próxima a dois voluntários, com os quais fui para Eslováquia, e eles falavam um bom inglês, ficava mais tranquila e eles traduziram qual atividade tínhamos que realizar naquela determinada semana. Essa semana foi bem difícil, fiquei mais próxima dos brasileiros e da uruguaia, praticamente, não fiz nenhum contato com Eslovacos ou outros voluntários de outras nacionalidades. E Mira, ao perceber minha dificuldade, ofereceu-me um curso intensivo de conversação em inglês, claro que aceitei, logo na segunda semana em que eu lá estava.

➤ **Primeiro curso de inglês estando imersa em outra cultura**

O curso foi ministrado pela professora Ilma (ela estudou na Inglaterra) e é uma excelente professora. Teve duração de 12 horas por dia, com 11 estudantes de 11 nacionalidades diferentes, ou seja, nosso único contato era o inglês.

As aulas começavam às 7 h e finalizavam às 19h. Nós fazíamos atividades em grupo, almoçávamos, tomávamos café e jantávamos juntos, totalmente inseridos em um contexto o qual forçava a comunicação para a língua inglesa.

No primeiro dia, a professora Ilma fez um questionário e, a partir dele, ia fazendo as perguntas individualmente e, ao mesmo tempo, gravando um vídeo, por meio do qual ela pôde perceber o nível de cada estudante e, depois para realizar as atividades, ela escolhia os grupos. Percebi que ela colocava quem sabia mais com quem sabia menos e, ao realizar as tarefas, quem sabia mais auxiliava quem sabia menos, e esse contato com as pessoas que sabiam mais agregou bastante ao meu aprendizado.

Ela é muito dinâmica e pensava em todas as atividades com muita clareza e com um objetivo, nenhuma atividade era aleatória, ou feita sem preparação. A profa. Ilma sempre tinha um porquê, ou um objetivo para cada atividade.

Após essa semana imersa num contexto todo em língua inglesa, meu inglês se desenvolveu muito, eu conseguia formular minhas ideias com mais clareza e falar o que antes ficava apenas em minha mente, mas, claro, meu vocabulário ainda era muito restrito.

Esse processo foi muito rico, pois, na segunda-feira seguinte, quando retornei à ONG e me comuniquei em inglês, Mira me disse a seguinte frase: - Nossa, parece outra pessoa! Isso

me encorajou bastante e percebi que podia muito mais e passei a dedicar inúmeras horas do meu dia no aprendizado da língua inglesa.

Como eu trabalhava apenas meio período, tinha bastante tempo, para me dedicar ao estudo da língua, além de ter uma enorme necessidade de aprender; então, comecei a debruçar sobre os verbos irregulares, havia verbos escritos e colados por vários lugares do meu quarto. Fui aprofundar nas preposições e passei a estudar os verbos e o máximo de substantivos relativos aos verbos. Exemplo: To drink (water, wine, soda, milk, coffee, tea, etc ...), dessa forma, fui adquirindo vocabulário e meus pensamentos ganhando sentido.

Inscribi-me num curso de inglês de gramática e conversação avançado, que, também, ajudou-me bastante e me deu segurança para lecionar quando retornei ao Brasil.

➤ **Atividades no Keric**

No KERIC, eram realizadas reuniões todas as segundas-feiras, às 7h, para decidir quais as atividades seriam desempenhadas naquela semana, ou no mês (se fosse algo maior).

A média anual de voluntários no Keric era em torno de 6 a 9 e, como eles ofertavam várias atividades, frequentemente, nós dividíamos os grupos de trabalho, em média, entre 3 pessoas por atividade.

Logo, na terceira semana, já fui participar de um *summer camp* com as crianças da comunidade. O nosso grupo de trabalho foi composto pelos seguintes membros: Rude (Brasileiro), Mira (Eslovaca), Mike (Eslovaco), mais 4 membros da comunidade local (Eslovacos) e eu.

Com 4 botes infláveis, dividimos 2 adultos e 8 crianças para cada bote. Fui remar no bote com o Mike, ele parecia ter por volta de 55 anos e só falava eslovaco e russo. Eu nunca havia remado e, muito menos, com 8 crianças em um bote. Ele tentava um diálogo, mas era em vão, eu entendia uma ou outra palavra e ele precisava me ensinar a remar e a sair de situações complicadas no decorrer do nosso percurso pelo rio. Eu o considero extremamente didático, pois sem entender quase nada remamos por 3 dias e, no final da nossa travessia, ficamos bons amigos e ele me considerou uma grande remadora. Ele quis me agradecer por ter ajudado com o remo e, assim, ele esculpiu um pequeno remo de madeira e me deu, como forma de me parabenizar e agradecer pelo nosso trabalho em equipe, foi muito gentil da sua parte.

Essa experiência no *summer camp* foi muito gratificante e, ao mesmo tempo desesperadora, pois ajudei a cuidar de um grupo de crianças, mas eu não falava Eslovaco, sabia apenas algumas palavras básicas, e as crianças tentavam me ajudar com a pronúncia e também com novos vocabulários; mas, mesmo em contato e, às vezes, algumas imersões com grupos eslovacos, meu vocabulário não se desenvolveu como o inglês. Não sei dizer se a língua é realmente muito difícil, se não me dediquei o bastante, ou se meus amigos foram escolhidos pela língua que eles falavam (inglês), só sei dizer que meu nível de vocabulário é bem restrito levando em consideração que morei 1 ano lá.

➤ **Espaço físico**

Começarei explicando como era a sala de aula, pois, para mim, foi uma surpresa ao me deparar com a disposição das mobílias.

A sala de aula no KERIC é retangular, com janelas amplas de vidro, com vista para o rio e árvores, o piso é todo com carpete e, como na Eslováquia todos tiravam os sapatos para entrar em suas casas, isso não era diferente na sala de aula.

Não havia carteiras e cadeiras, apenas pufes e todos, incluindo, nós, professores, sentávamos nos pufes e, na maioria das vezes, em círculo, o que nos aproximava bem mais dos estudantes.

Tínhamos disponível, na sala, apenas quadro branco não muito grande, equipamentos eletrônicos como: *Data show*, câmera de vídeo e uma máquina copiadora e, caso quiséssemos fazer alguma atividade mais dinâmica, tínhamos que pedir na secretaria.

Como era um curso de línguas e os estudantes permaneciam apenas por uma hora/dia, considero o espaço interessante e, possivelmente, modelo para outras escolas de línguas, pois foge daquele formato padrão de sala de aula, trazendo conforto e descontração.

➤ **Lecionando a língua inglesa para crianças**

Depois de um mês que eu lá estava, comecei a lecionar a língua inglesa para crianças eslovacas, o que demandava muita dinâmica e energia da minha parte, pois como eu disse, não tinha vocabulário em eslovaco e eu precisava ensinar -lhes uma língua adicional, então, meu trabalho era todo com músicas, jogos, brincadeiras, imagens, (lembrando que a qualidade da imagem é muito importante nessa atividade, pois a imagem não pode, de maneira alguma, gerar duplo sentido).

Contudo, eu tinha uma estagiária que me ajudava a fazer a comunicação com as crianças. Quando elas queriam alguma coisa, ir ao banheiro, ou expor algo *extra class*, falavam com Vera (ela é eslovaca e lecionávamos juntas). Uma pessoa por quem tenho grande estima e que foi muito importante para o meu trabalho com as crianças.

➤ **Lecionando a língua portuguesa para adolescentes**

Logo depois, comecei a lecionar a língua portuguesa para adolescentes. Foi mais fácil o trabalho, pois todos falavam em inglês, o que me ajudava bastante, ao explicar a gramática da língua portuguesa, ou dar exemplos de significados das palavras.

Fiquei impressionada com a velocidade com que eles aprendem línguas. Meu primeiro planejamento de curso foi para seis meses, mas todo o conteúdo foi passado em um mês e o grupo chegava sempre com novas perguntas de gramática e pronúncia, pois diziam que haviam assistido aos filmes em português e que não tinham entendido determinadas expressões. Gostaria de deixar claro que esse grupo nunca teve contato com a língua portuguesa, o que, para mim, era uma satisfação muito grande vê-los desenvolver tão rapidamente.

➤ **Lecionando Língua Inglesa para adolescentes**

As aulas de Língua Inglesa para os adolescentes eram ministradas pela Vera e por mim. Nós nos reuníamos uma vez por semana para discutir o conteúdo a ser ministrado naquela determinada semana.

Os estudantes tinham a faixa etária entre 12 e 17 anos e todos tinham um bom nível de inglês, é claro que os mais velhos sabiam mais.

Vera sempre os impedia de falar em eslovaco, durante a aula, chamando-lhes a atenção e dizendo que eu não entendia muito bem eslovaco e, por isso, era uma falta de respeito comigo, o que os forçava a falar em inglês.

Eles também eram bem curiosos e sempre, depois das aulas, vinham conversar comigo para saber sobre o Brasil.

Por ser uma turma com faixa etária bem distinta, nossas atividades eram bem dinâmicas e trabalhadas sempre em grupos.

Trabalhar com esse grupo distinto me fez pensar em muitas atividades e, também, descobrir que eu gostava de trabalhar com adolescentes. É claro que o contexto em que eu estava inserida era muito propício, esses adolescentes procuraram a escola e se matricularam em um curso de línguas que, na visão deles, era muito importante para o futuro, tanto para conhecer outros lugares como para trabalhar.

➤ **Atividades com a comunidade**

Entre essas duas atividades anteriores desempenhadas na ONG eu também participava (uma vez por semana) das aulas de inglês de duas professoras de uma escola local.

Cada semana elas pediam para que eu contasse sobre a cultura/curiosidades do Brasil (em inglês) e eu sempre levava imagens e vídeos, para cada tema específico e as professoras sempre diziam que os alunos ficavam ansiosos para que a aula de inglês chegasse sobre cultura brasileira, pois, além de eles aprenderem o inglês, aprendiam sobre outra cultura e, ao visualizar algo desconhecido, inédito, surgiam as dúvidas, as curiosidades, as perguntas, assim, eles deviam formular as perguntas ou seus comentários, em inglês, o que os forçava a treinar esse idioma e a prestar atenção na apresentação.

Foi uma atividade muito prazerosa. Ressalto que eram alunos do ensino médio e com um bom nível de inglês.

Ter tido contato com outra cultura, com a língua adicional e com a docência, tudo ao mesmo tempo, foi o momento de sensação de objetivo alcançado.

➤ **Material didático**

No decorrer de 1 ano, trabalhei com crianças, adolescentes, adultos, participei de vários *workshops*, trabalhei tanto com a língua portuguesa quanto com a língua inglesa, tive a oportunidade de fazer 3 cursos de língua inglesa, inclusive, sobre um expus, que foi o curso intensivo, e os outros dois foram no decorrer do ano e também trabalhamos com excelentes materiais.

Esses materiais que montei para lecionar e também para ministrar algumas palestras, juntamente aos materiais com que estudei, formaram um banco de informações, os quais eu trouxe para o Brasil e muito deles utilizo em minhas aulas.

Ter participado do intercâmbio foi como fazer uma especialização na minha área e ainda tendo a oportunidade de estar inserida no contexto de língua adicional, aprendi muita didática nova e pude ter contato com muitos materiais e recursos didáticos o que agregou bastante em minha forma de lecionar.

➤ **6 meses na Eslováquia**

Eu tinha um objetivo muito claro: aprender a falar a língua inglesa. Estudei muitos anos, aqui no Brasil, mas não consegui desenvolver a fala. Pois bem, quando lá cheguei, logo fiz um curso intensivo de inglês e isso me ajudou demais, tanto no sentido de concatenar as ideias quanto de desenvolver a fala o que me fez sentir muito bem, poder comunicar, expressar-me, isso trouxe liberdade e, também, sentimento de capacidade, assim me sentia segura para viajar e me comunicar com as pessoas.

Seis meses se passaram e parecia que eu havia aprendido tudo que fui predestinada a aprender, não via meu inglês se desenvolvendo muito mais, pois meu ciclo de amigos eslovacos tinha o inglês como segunda língua, meus colegas e amigos de trabalho, todos tinham a língua inglesa como segunda língua e parecia que o nosso nível vocabular estava igualado, dessa forma, comecei a pensar que estava perdendo tempo, que eu precisava voltar e começar a trabalhar aqui no Brasil.

Os seis primeiros meses foram de intensos aprendizado, mas depois a única sensação que eu tinha é de que eu precisava retornar e começar a trabalhar, pois meu objetivo havia sido cumprido.

➤ **Retorno ao Brasil**

Ao retornar ao Brasil, comecei a lecionar como professora particular de Língua Inglesa e tradutora de artigos científicos, o que exerço até os dias atuais.

As minhas escolhas me direcionaram, para ser uma professora de inglês e, hoje, quando estou com meus alunos, é o momento em que realmente me sinto bem.

Vejo que posso compartilhar de sonhos que podem se tornar objetivos e com dedicação, esforço e entusiasmo se tornam realidade.

Para despertar esse potencial nos estudantes, percebo que preciso avançar, ou seja, compreender melhor sobre questões que permeiam o mundo tanto da educação quanto do seu contexto social.

O esforço de compreender questões do mundo e correlacioná-las à educação, por meio de análise dos meus próprios atos, poderá contribuir ao aprimoramento de minha própria prática. Espero ter como retorno o entusiasmo dos estudantes em acreditar que as suas transformações podem ocorrer a partir da educação.

Acreditando que a linguagem está diretamente ligada a essas transformações é que me dedico, nas aulas de língua inglesa, a não somente ensinar uma língua adicional, mas também abordar questões que permeiam a vida desses estudantes. Contudo sinto a necessidade de aprimorar os meus conhecimentos.

Com base na reflexão sobre minha própria história de vida, percebo que, para minha vida profissional e acadêmica, a experiência que tive na Eslováquia foi um determinante para a concretização da minha carreira profissional.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nesta dissertação, foram traçados dois objetivos, o objetivo geral que foi identificar as transformações identitárias e os possíveis efeitos decorrentes da vivência no intercâmbio dos sujeitos envolvidos na pesquisa e os objetivos específicos que foram analisar minha própria experiência; analisar a experiência de outros professores ex-intercambistas; e refletir sobre as possíveis transformações de identidade como efeitos de intercâmbios.

A motivação em desenvolver esta pesquisa e atingir esses objetivos se deu pelo fato de eu ter tido a possibilidade de vivenciar a experiência de um intercâmbio e de ter percebido o efeito dessa vivência, em minha vida profissional, assim como pelo anseio de buscar novos conhecimentos para minha área de atuação.

O contexto da pesquisa está situado no âmbito de formação de professores de língua inglesa participantes de intercâmbios internacionais.

Para compreender esse contexto e dar suporte à análise dos dados, foram feitos estudos de conceitos que me permitiram avançar na compreensão sobre essa temática, como: a Linguística Aplicada e como ela se relaciona com a Educação; as Narrativas Autobiográficas, trazidas por Romero (2010) como um estudo que pressupõe que o pesquisador narrativo seja concomitantemente autor e pesquisador da história e do fenômeno estudado. Identidade, conceituada por Hall (2005) como desestruturação do pensamento que possuímos de nós próprios como seres unificados, sendo o enfoque desta pesquisa as transformações nas identidades pessoais e profissionais.

Na sequência, destacamos sobre Identidade Docente em que estão presentes conceitos sobre como os docentes constroem e representam suas identidades profissionais e, também, a Identidade do profissional de Língua Adicional. Stein (2013) afirma que existem muitas vozes que colaboram para a formação de traços identitários do professor de línguas. Com o propósito de finalizar sobre os conceitos de Identidade, encontram-se, ainda, as Identidades em construção as quais estão imersas em outra cultura, o que, para Plews (2014), estudar no exterior distingue intrinsecamente das rotinas, comportamentos, preferências e interesses pessoais dos participantes que se posicionam em novos contextos e que são conduzidos pela diferença linguística e cultural de suas experiências anteriores, sociais e históricas.

Ainda, no referencial teórico, temos a Formação de Professor, temática apresentada dentro do viés sobre a importância de se pesquisar a formação inicial e questões que permeiam a identidade docente.

Por último, o contexto cultural, no momento da imersão em outro. Na visão de Wilkinson (1998, p. 122), há vários tipos de programas de educação no exterior; estudar em um país estrangeiro é para aprender a nadar em águas desconhecidas, diferenciando os modelos de programa de acordo com o método de instrução aquática, ou seja, mergulhando no meio da correnteza, nadando nos redemoinhos e assim por diante.

Após levantamento e estudo do referencial teórico supracitado, foram criadas as perguntas de pesquisa que se configuram como norteadoras, para análise do *corpus*, o qual é composto pelas transcrições das entrevistas e pela minha narrativa autobiográfica. As perguntas são:

- 1- Quais são os efeitos dos intercâmbios internacionais que podem ter influenciado os participantes a se tornarem professores de Língua Inglesa?
- 2- Quais são as possíveis transformações de identidade decorrentes do intercâmbio segundo as percepções desses participantes?

Esta dissertação está organizada em 6 capítulos e seus respectivos subitens, a começar pela Narrativa Autobiográfica, em que relatei um pouco sobre a minha vida pessoal, sobre minha trajetória profissional; e momentos nodais em que estive imersa por 1 ano em outra cultura.

Posteriormente, vêm as Considerações Iniciais, em que explico o contexto de desenvolvimento da pesquisa, as perguntas norteadoras, os objetivos, um pouco sobre o referencial e a metodologia utilizada.

Em seguida, a Fundamentação Teórica, como autores e obras renomados.

Na sequência, a Metodologia, que se tratou de um estudo de cunho qualitativo em que foram abordados os seguintes temas: o Percorso Metodológico; um pouco da vida de cada Participante; como foi realizada a Coleta e geração de dados; e também como as Entrevistas foram produzidas; uma abordagem teórica sobre Narrativa autobiográfica; depois uma explicação sobre o *Corpus* e sistematização da análise; e, por último, como foi feito o Procedimento de análise.

No penúltimo capítulo, encontra-se a Discussão dos Dados, em que retomo as perguntas norteadoras de pesquisa. Nesse movimento, com base nas perguntas de pesquisa, destaquei os excertos, agrupei-os para depois definir os temas e interpretá-los, o que me proporcionou condições para identificar as possíveis transformações identitárias e efeitos decorrentes da vivência no intercâmbio, assim como analisar minha própria experiência; analisar a experiência de outros professores ex-intercambistas e refletir sobre as transformações de identidade como possivelmente decorrentes de efeito de intercâmbios.

Por último, as Considerações Finais, que, depois de todo o processo de realização da dissertação, foi o momento de olhar para dentro de mim e perceber o quanto a minha identidade se constituiu a partir deste estudo. Também relato, nas considerações finais, que a partir deste estudo sobre possíveis transformações de identidade, em outro contexto, pude enxergar a minha constituição profissional, além de refletir sobre a minha forma de lecionar e também perceber o quanto a prática é significativa na vida profissional de um professor. Relato, ainda, que a narrativa me fez reviver a base da minha história profissional e perceber que realmente tracei um objetivo que consegui atingir, ou seja, quando propus a mim mesma a fazer o intercâmbio, para aprimorar o meu inglês e, também, aprender novas didáticas, como relatei, senti-me realizada por ter alcançado o objetivo traçado.

Este trabalho conta também com as Referências e os Apêndices.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Linguística Aplicada

A Linguística Aplicada, doravante LA, transformou sua maneira de abordar sua prática junto ao mundo real, alterando seu olhar em relação ao contexto e, também, a respeito das distintas visões de linguagem em cada década específica; passaram-se a descobrir novas gradações da linguagem e da capacidade do ser humano de adquiri-la e novas formas de desempenhar o papel de linguista aplicado, chegando à LA que temos recentemente.

Na LA, Kleiman (1995) caracteriza como emergentes e privilegiados alguns temas dentro das práticas de linguagem, em contextos institucionais diferentes do educacional, como exemplo: contextos de aprendizagem não escolares; instituições e o papel das trocas linguísticas na constituição das identidades.

Acredita-se que a emergência em se estudar esses temas dentro da LA ocorre em razão (OLIVEIRA, 2009) das mudanças da sociedade contemporânea, no século XX, em especial, na segunda metade do século e início do século XXI, o qual atravessa um cenário cada vez mais acelerado, o que se dá pela revolução tecnológica ou por meio das mídias.

Entre essas mudanças ocorridas está a globalização. Para Kumaravadivelu (2006, p. 131), a fase da globalização demonstra-se muito “diferente de seus períodos anteriores, em intensidade, mas não em intenção”. Ele conceituou essa fase como a mudança do panorama do mundo e a dividiu em três formas distintas:

- (a) a distância espacial está diminuindo. As vidas das pessoas – seus empregos, salários e saúde – são afetados por acontecimentos no outro lado do mundo, frequentemente, por acontecimentos que desconhecem;
- (b) a distância temporal está diminuindo. Os mercados e as tecnologias agora mudam com uma velocidade sem precedente, com atos distantes ocorrendo no tempo real, com impactos nas vidas das pessoas que vivem longe;
- (c) as fronteiras estão desaparecendo. As fronteiras nacionais estão se dissolvendo, não somente em termos de comércio, capital e informação, mas também quanto a ideias, normas, culturas e valores.

Kumaravadivelu (2006), ainda, retrata o panorama mundial dez anos após as suas observações. Indo ao encontro do posicionamento deste autor, Fernandes (2012) destaca que pelas mudanças da sociedade o linguista aplicado, o qual anteriormente orientava as práticas do ensino de línguas, em sala de aula, não se limita a investigar o que será trabalhado em sala de aula, e isso acontece pelo fato de o professor estar inserido numa posição de pesquisador e, por isso, deve encontrar meios, dentro de sua própria realidade, para criar novas abordagens para evolução do seu trabalho e, para que essas abordagens sejam eficazes, faz-se necessária a reflexão da própria prática docente.

Nessa vertente, Fernandes (2012) considera que a LA concentra-se em preparar o professor com um repertório de métodos e habilidades para que ele mesmo possa discernir o que é mais adequado em cada contexto.

Podemos pensar na LA em constante reflexão para que dê respostas aos desafios e problemáticas encontrados, no nosso cotidiano escolar, ou seja, significa olhar para os objetos de estudo da LA, ressignificando esses objetos e avançar na pesquisa das práticas discursivas. Dessa forma, possibilitar mecanismos de ruptura com os preconceitos, reconhecendo as diferenças, desigualdades e assim entender que a própria relação com o conhecimento faz parte da experiência por uma escola melhor e de qualidade (OLIVEIRA, 2009).

A produção de conhecimento em LA pode ser em nível “local” e, por meio dessa observação, analisar os problemas que possam ser “globais, criando possibilidades de desenvolver pesquisas que envolvam os sujeitos como constituintes e agentes ativos por meio do discurso” (OLIVEIRA, 2009). Explorar a língua para dar a possibilidade aos sujeitos é, também, responder às exigências que lhes são colocadas na contemporaneidade.

Dessa maneira, percebo a importância da LA para esta investigação, pois, conforme Lopes (2006, p. 27), “todo conhecimento em ciências sociais e humanas é uma forma de conhecer a nós mesmos e de criar possibilidades de compreender a vida social e outras alternativas sociais”.

Para conhecer a nós mesmos, esta dissertação é composta de uma narrativa autobiográfica e, também, de entrevistas feitas por pessoas que estão ligados à prática docente.

1.2 Narrativas autobiográficas

Conforme Romero (2010, p. 144), as autobiografias são sempre incompletas, isto é, representam apenas uma interpretação coerente do “EU”, desenvolvida a partir de determinadas perspectivas, tem destinatários e fins específicos, são permeadas por valores morais do dito “adequado” para determinado grupo social, foca em momentos nodais da vida, elas não têm fim e são “intranquilas” e, também, as autobiografias enquadram-se como dialética. Dessa forma, as autobiografias se constituem como necessárias, para se ver sentido nas interações humanas, bem como para constituição da identidade.

Pensando em narrativa, podemos afirmar que existem vários significados, como: uma história, algo a ser contado ou recontado, um relato, pode ser tanto real quanto fictício, uma sequência de eventos ocorridos, uma imensidão de eventos lógicos e cronológicos, entre outros (PAIVA, 2008, p. 261). Para explicar melhor o gênero narrativo autobiográfico, autores renomados foram citados.

Começarei com Romero (2010, p. 145) que define a estrutura narrativa em cinco elementos básicos, os quais são: ator; ação; meta; cenário; instrumento; e problema.

Conforme Paiva (2008, p. 262), uma narrativa pode ser real ou imaginária, sem perder o seu valor como história, além disso, é composta por um encadeamento singular de eventos, que ocorrem envolvendo seres humanos como personagens e autores.

Para Paiva (2008, p. 262), a narrativa é uma experiência pessoal, dessa forma, ela não é vista como um simples recontar de eventos e passa a ser entendida como algo que está na biografia do falante e que é avaliado emocional e socialmente, ou seja, essa avaliação é a “informação a respeito das consequências do evento sobre as necessidades e desejos humanos”.

Romero (2010, p. 146) designa como modelo esquemático de narrativas um processo ativo, construtivo e assim guiado por um esquema. Declara que, mesmo a narrativa autobiográfica não se vinculando a detalhes, ainda assim caracteriza-se por uma série de fatores tendenciosos e permeados de teorias implícitas.

Discorrendo sobre a temática da narrativa autobiográfica, Wolcott (1990 apud ROMERO, 2010, p. 146) conceitua como uma extraordinária metáfora: “a sopa”, com inúmeros ingredientes e muito variados, que consistem em: descrições detalhadas de pessoas;

argumentos planejados amparando compreensões sobre relações humanas; e narrativas bem tecidas sobre pessoas situadas em tempo, espaço, cenário e enredo.

Para ressaltar, Paiva (2008, p. 263) relata que estudar o significado narrativo é demonstrar as operações que produzem significado particular e extrair as decorrências que esse significado representa para a existência humana.

Romero (2010, p. 147) aborda que há um modelo do prosseguimento da narrativa (um todo perfazendo uma ação completa) com personagens abarcados em acontecimentos organizados sucessivamente, em que a característica relevante é um processo de enredo, ou seja: a situação inicial (introduz o estado das coisas); complicação (cria tensão); ações (resultante da tensão criada); resolução (destinado à resolução da tensão); e a situação final (restabelece novo equilíbrio resultante da fase anterior).

Nessa perspectiva, ainda, para Romero (2010, p. 147), dependendo do posicionamento do narrador, outras fases podem ser acrescentadas, tais como: avaliação (que traz um comentário sobre a história); moral (em que atribui um significado a história).

Cabe, ainda, mencionar que o objetivo de falar sobre a importância da narrativa autobiográfica, para o processo de Formação de professor, vem permeado por uma perspectiva crítico-reflexiva.

Para esta dissertação, gostaria de explicar que foi realizada uma pesquisa narrativa, pois, de acordo com Romero (2010, p. 173), fazer “pesquisa narrativa pressupõe que o pesquisador narrativo seja ao mesmo tempo autor e investigador da história cujo fenômeno estuda”. Esse processo contribui tanto para a ação de construção do conhecimento como para a reflexão crítica.

Outra autora que também assinala a respeito das narrativas é Paiva (2008, p. 263), a qual define pesquisa narrativa como “uma forma de entender a experiência”, ou seja, deve haver uma colaboração entre o pesquisador e o que está sendo pesquisado.

Magalhães (2010, p. 24) considera, no âmbito da narrativa, o papel central da linguagem na “compreensão crítica de nós e de outros nos discursos”.

Após uma compreensão crítica de nós e suposta transformação, presumimos uma relação profunda entre linguagem e ação, assim, a autora “defende a criação de espaços colaborativos e criativos, orientados por uma noção performativa da linguagem em que teoria

e prática estão imbricadas na atividade performativa, no processo de formação de professores” (MAGALHÃES, 2010, p. 24).

Magalhães (2010, p. 29-31), em sua concepção de base fundamentalmente vygotskiana, defende que, “na atividade performativa, ação e linguagem devem ser compreendidas no contexto de sua historicidade, levando-se em consideração os conflitos e contradições que permeiam o processo reflexivo”. Ela, ainda, assevera que se tomadas, portanto, como atividade performativa, as narrativas autobiográficas podem criar “espaços para consciência política de nós mesmos” e, ainda, um contexto de empoderamento em que “ações e identidades podem ser pensadas, compreendidas e reorganizadas”.

Romero (2010, p. 340) discorre a esse respeito, afirmando que a autobiografia é um gênero instigante, marcado fundamentalmente pela autoconstituição. Nesse contexto, esperamos também que este trabalho possa ajudar na reflexão sobre questões de aprendizagens ligadas à prática docente e à transformação da identidade.

1.3 Identidade

Conforme Hall (2005, p. 8), as sociedades modernas discutem amplamente o tema “Identidade”. Para este autor, antigas identidades, que solidificaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e particionando o indivíduo moderno, até então visto como um sujeito único e estável.

Ainda, de acordo com Hall (2005, p. 8), as identidades modernas estão sendo “descentradas”, isto é, “deslocadas ou fragmentadas”. Uma mudança diferente estrutural está transformando as sociedades do final do século XX.

Hall (2005, p. 9) compreende que essas sociedades modernas estão sendo transformadas, ou seja, há uma fragmentação nas formas culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça, e nacionalidade, que antes eram sólidas nos indivíduos sociais. Após explicitar essas transformações, ele também enfatiza as identidades pessoais, desestruturando o pensamento que possuímos de nós próprios como seres unificados. Para Hall, há uma perda de um “sentido de si” que é compreendido como “deslocamento ou descentração do sujeito”, esse deslocamento/descentração de um indivíduo tanto de seu lugar no mundo social quanto cultural e de si mesmo constitui uma crise de identidade para o indivíduo.

Hall (2005, p. 9) discorre os caminhos sobre Identidade em três concepções muito diferentes, as quais são:

- (a) Sujeito do Iluminismo - um indivíduo centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, consciência e ação; o centro consistia em um núcleo interior do indivíduo, emergia quando nascia e, assim, no decorrer de toda sua vida permanecia essencialmente o mesmo, idêntico. Logo o centro essencial do “eu” era a identidade de uma pessoa. (Vale lembrar que o sujeito do Iluminismo era, geralmente, descrito como masculino).
- (b) Sujeito Sociológico – refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas importantes para ele” que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele habitava, é a identidade formada entre o “eu” e a “sociedade”. Para alguns autores na sociologia, essa era uma concepção “interativa” da identidade e do eu a partir dessa concepção sociológica, a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade. Com base nessa premissa, o sujeito ainda tem um núcleo que é o seu “eu real”, porém é modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades pertencentes a esses mundos. Pode-se se considerar que a Identidade preenche a lacuna entre o interior e o exterior entre um mundo pessoal e público. Dessa forma, projetamos em nós mesmos as identidades culturais, simultaneamente internalizamos seus valores e significados, assim, tornando-os parte de nós. Hall usa a metáfora “sutura” para explicar melhor essa fusão do sujeito à estrutura quanto ao meio em que vive tornando-o unificado e previsível.
- (c) Sujeito pós-moderno – esse sujeito vivido, tendo uma identidade unificada, está se fragmentando, assim sendo, composto de várias identidades. Esse processo determina o sujeito pós-moderno como não tendo uma identidade fixa ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”, modificada diariamente em relação à forma como somos representados ou interpelados dentro da nossa cultura. Esse sujeito assume identidades diferentes, em diferentes momentos, isto é, essa identidade não é unificada ao redor de um “eu” coerente. Para ele, a identidade unificada, completa e coerente é uma fantasia. O sistema de representação cultural se multiplica e, com isso,

somos confrontados por uma multiplicidade de identidades e com cada uma delas nós poderíamos nos identificar, ao menos por determinado período.

Assim, a identidade, de acordo com Hall (2005, p. 38), é algo constituído, ao longo do tempo, por meio de processos inconscientes e não algo “inato, existente na consciência no momento do nascimento”.

Outro aspecto que devemos considerar é a globalização e seu impacto sobre a identidade cultural. A globalização é um fenômeno das sociedades modernas, que são sociedades de mudança constante e rápida, é uma forma de distinguirmos das sociedades tradicionais.

Conforme Hall (1998, p. 105), a identidade não assinala uma essência imóvel do “eu” que perpassa toda sua vida, sem qualquer alteração, por todas as instabilidades históricas. Essa visão não tem como menção aquele segmento do eu que se conserva, sempre e já, o mesmo, idêntico a si mesmo ao longo do tempo. Também não se refere, pensando agora na questão da identidade cultural, ao eu coletivo ou que se oculta “dentro de muitos outros ‘eus’ – mais superficiais ou mais artificialmente impostos, que um povo com uma história e uma ancestralidade partilhadas mantém em comum”. Ou seja, um grupo com a capacidade de “estabilizar, fixar ou garantir o pertencimento cultural ou uma unidade imutável que se sobrepõe a todas as outras diferenças – supostamente artificiais”. Essa ideia condiz com o pensamento de que as identidades nunca serão “unificadas, que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas, ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas”.

Segundo Hall (1998, p. 109), as identidades podem estar sujeitas a uma historicização substancial, pois se encontram em constante processo de mudança/ transformação e um elemento importante é que são estabelecidas dentro e não fora do discurso. Dessa forma, é necessário compreendê-la como estabelecidas, em “locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas” e, ainda:

emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica em seu significado tradicional – isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna.

O termo identidade, para Hall (1998, p.111), significa o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre os discursos e as práticas que tentam nos interpelar, ou seja, que nos fala ou convoca para que tomemos nossos lugares como sujeitos sociais e não podendo deixar de dar ênfase na subjetividade, que nos constrói como sujeitos.

Contudo as identidades são pontos de afeição temporária tanto referente às posições como sujeito quanto às práticas discursivas que nos são postas. Assim, as identidades são consideradas posições que o sujeito é obrigado a assumir, mesmo “sabendo” que são sempre representações as quais são sempre construídas, ao longo de uma falta, de uma ruptura, a partir do lugar do outro e, assim, elas não podem, nunca, ser ajustadas – idênticas – aos processos de sujeito que são nelas investidos.

Para complementar a ideia de Hall sobre identidade, é pertinente abordarmos os conceitos de Block (2017, p. 33) que “denominou uma abordagem amplamente pós-estruturalista da identidade e, nos últimos anos, tem sido adotada por muitos cientistas sociais, incluindo linguistas aplicados”.

Conforme Block (2017, p. 33), as identidades são definidas como: construídas socialmente e de forma autoconsciente. Existem narrativas em andamento que os indivíduos executam, interpretam e projetam tanto no vestir, em seus movimentos corporais, como nas ações e, também, na linguagem.

Para esse autor, a construção da identidade ocorre na companhia de outras pessoas – podendo ser frente a frente ou via eletronicamente – e que, de formas variadas, os indivíduos compartilham crenças, motivos, valores, atividades e práticas.

As Identidades são sobre a negociação de novas posições do sujeito na encruzilhada do passado, presente e futuro (BLOCK, 2017, p. 33).

De acordo com o mesmo autor, os indivíduos são moldados por suas histórias sociais, mas também moldam suas histórias sociais conforme a vida continua. Mas ele, também, ressalta que todo o processo identitário é conflituoso em vez de harmonioso, e os indivíduos, muitas vezes, sentem-se ambivalentes (BLOCK, 2017, p. 33).

Como começamos a explicar sobre identidade e como ela é representada, no meio em que o sujeito está inserido e, ainda, multifacetada, marca-se importante destacar um pouco sobre Identidade docente.

Considerando o conceito de Hall (1998) de que as identidades podem estar sujeitas a uma historicização substancial, por se encontrarem em constante processo de mudança/transformação e por serem estabelecidas dentro e não fora do discurso, faz-se necessário compreendê-las em “locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas” – vamos considerar esse local histórico como a escola e o interior de formações, práticas discursivas específicas e, também, considerar a formação do professor.

Já no século XX, na visão de Souza (2016), os professores se encontram em um conglomerado de circunstâncias desiguais. O desenvolvimento acelerado das tecnologias de informação e comunicação, a economia globalizada, essas mudanças e entre outras assinalam problemas no desenvolvimento tanto pessoal quanto profissional dos professores e, dessa forma, reafirma um movimento de crise de identidade.

A profissão docente vem sofrendo transformações desde a constituição dos primeiros sistemas escolares, pois provém de várias intervenções complexas, como movimentos políticos e sociais, decorridos de seus acontecimentos e grandes manifestações ao longo de toda a história (VASCONCELOS, 2004).

Como já explanamos no parágrafo anterior sobre a identidade docente, ela pode ocorrer em determinadas mudanças históricas, pois se encontra dentro do discurso reproduzido em determinado período.

Assim sendo, podemos afirmar que o professorado passou e ainda passa por inúmeras questões identitárias, desde o ápice até a desvalorização dessa profissão. Mas não iremos dar ênfase nas questões de valorização e desvalorização, pois não é o foco desta pesquisa, porém torna-se pertinente avaliar a identidade profissional.

Independente da área, discorrer sobre identidade não é uma tarefa simples, pois é um conceito de caráter subjetivo e de que emana certa complexidade. Porém assumi a responsabilidade de analisar essa temática, em especial, sobre professores de língua adicional que estiveram imersos em outra cultura.

Neste conglomerado sobre identidade, devemos ressaltar as identidades dos professores de línguas adicionais, nas quais Block (2017, p. 33) define como os indivíduos que se autoposicionam e são posicionados por outras pessoas, tais como: professores, pessoas envolvidas com o ensino, estudantes e, também, com as tarefas que os envolve, o que pode ser considerado como ensino.

De acordo com Stein (2013, p. 3), pontuando especificamente sobre a identidade do professor, ela é definida como “um processo em desenvolvimento de integração entre o lado pessoal e o profissional de se tornar e ser professor”.

Para Block (2017, p. 33), ser professor de línguas é um processo contínuo e narrado, que agrupa experiências tanto do passado quanto do presente e até mesmo as experiências antecipadas do futuro.

Para corroborar com a ideia acima, Stein (2013, p. 3) “afirma que há inúmeras vozes que contribuem para a constituição de traços identitários do professor de línguas”. Essas vozes são encontradas em seus professores, por meio de livros, na instituição de ensino, no governo, na sociedade, família, colegas de trabalho e em todo seu círculo social e profissional.

Block (2017, p. 33) reforça que as identidades dos professores de línguas são construídas por (ou emergem de) interações (face a face e também podendo ser mediadas eletronicamente) com outros indivíduos. Essas interações provocam uma autoapresentação, que considera como o habitar de posições individuais e que, por meio de alguns recursos multimodais, tais como: linguagem, vestimenta, gestos, porte físico, entre outros, as identidades são atribuídas.

Reafirmando a ideia acima, Stein (2013, p. 3) declara que a “identidade do professor é formada por alguns fatores, como: a) visão dele sobre si; b) a visão que os outros têm deste profissional” e entre outras pessoas que compõem essa rede profissional.

Mais amplamente, as identidades dos professores de línguas emergem dos meios sociais, que fazem parte de estruturas sociais maiores que constituem a sociedade em geral (BLOCK, 2017, p. 34).

Vale ressaltar que enquanto "os indivíduos são moldados pelas suas histórias sociais, eles também moldam suas histórias sociais à medida que a vida prossegue", essas histórias sociais ou apenas as estruturas sociais do cotidiano são reais e podem moldar o que os indivíduos podem ou não podem fazer, ou, de fato, ser (BLOCK, 2017, p. 34).

Block (2017, p. 35) explicita as pesquisas narrativas, pois, de acordo com o autor, as histórias que os professores relatam sobre suas vidas - passado, presente e futuro - são parte essencial de qualquer compreensão e de como os professores de línguas se encontram no mundo real e também em mundos imaginados em que ambos habitam e constroem.

Trouxemos à tona Identidade, Identidade docente e Identidade Docente do profissional de Língua Adicional. Agora trazemos Plews (2014) que mostra como essas identidades são construídas ou transformadas estando imersas em outras culturas.

Plews (2014, p. 281) entende que o estudo no exterior distingue-se intrinsecamente das rotinas, comportamentos, preferências e interesses pessoais dos participantes que se posicionam em novos contextos (lugares, experiências, atividades, papéis, relacionamentos, entre outros) que são conduzidos pela diferença linguística e cultural de suas experiências anteriores, sociais e históricas.

Plews (2014, p. 281) afirma que os participantes de um programa de estudo no exterior devem adquirir e ser encorajados a refletir sobre o seu novo contexto, a linguagem, negociar seus conhecimentos de forma ativa e reposicionar a percepção de si mesmo, para que possam transmitir e compreender de forma efetiva as mensagens que recebem e até mesmo realizar as tarefas que lhe foram designadas de forma satisfatória.

Plews (2014, p. 281), ao referir-se aos participantes de estudos no exterior, utiliza um termo cunhado por Foucault (1986), "heterotopia", para explicar que tanto as pessoas do local quanto as pessoas que estão imersas podem se ver refletidos e refratados por novas experiências e, assim, recriar-se apropriando-se dessas experiências. Dessa forma, o estudo no exterior é apropriado para a experiência e investigação da negociação de identidade.

Como vimos sobre a constituição da identidade, identidade docente, identidade docente do profissional de língua adicional e a identidade sendo construída em outra cultura, cabe ressaltar a importância da formação de professor.

1.4 Formação de Professor

De acordo com Lima e Pimenta (2012, p. 64), os cursos de formação de professor podem desempenhar um importante papel na construção ou até mesmo no fortalecimento da identidade, ao passo que viabiliza a reflexão e a análise crítica não só do sujeito envolvido, mas das inúmeras representações sociais construídas historicamente e praticadas dentro e fora da profissão.

O papel do professor, conforme Lima e Pimenta (2012, p. 65), além de ter os conhecimentos sobre determinada área, do conteúdo, domínio de recursos teóricos,

metodológicos e tecnológicos, partilha e socializa seus conhecimentos; para esse educador, é necessária uma visão crítica da sua prática e dos seus objetivos com seus estudantes e todas essas funções acarretam para o sujeito a necessidade de se preparar para uma atuação adequada.

Lima e Pimenta (2012, p. 66) citam uma pesquisa de doutorado de Valter Soares Guimarães, realizada em 2001, em que ficou demonstrado que a formação específica, em geral, propicia ao estudante segurança para sua atuação. No entanto, em sua pesquisa, os estudantes reconheceram que, em seus cursos realizados, esses puderam garantir qualidade teórico-científica, mas, em contrapartida, o aprendizado de se tornar professor foi alcançado por eles praticamente sozinhos e isso mostra certa fragilidade dos cursos em seu processo de profissionalização.

Para Lima e Pimenta (2012, p. 66), torna-se, então, necessário refletir com e sobre os estagiários, como estão se construindo professores, o significado de ser professor, pensar lá atrás, em seus professores que, de certa forma, marcaram sua trajetória e, ainda, os fatos e as oportunidades em suas vidas que os guiaram para determinado curso.

De acordo com Lima e Pimenta (2012, p. 67), o curso realizado, o estágio preparatório, ou seja, a presença do estudante no devir escolar, as experiências e vivências tanto dentro como fora da universidade contribui para a construção da identidade docente.

Lima e Pimenta (2012, p. 68) argumentam que a formação do professor realiza-se pelo estímulo de alguns saberes, tais como: “saberes de uma prática reflexiva, saberes de uma teoria especializada, saberes de uma militância pedagógica”, o que, de acordo com as autoras, esses elementos passam a produzir a profissão docente. Vale salientar que esses saberes específicos não são únicos, ou seja, não compõem um corpo acabado de conhecimentos. Devemos pensar, também, nos problemas do cotidiano escolar, que requerem decisões coerentes, em um espaço complexo, de incertezas, singularidades e em grande parte sobre conflito de valores.

No tocante à formação de professores, para Lima e Pimenta (2012, p. 69), esse é um ambiente em que se reúnem as esperanças, as perspectivas e as realizações profissionais, mas não somente, como também problemas dos professores, dos gestores, das políticas educacionais, que conduzem esses programas, entre outros fatores que convivem com o momento histórico da educação.

Para as mesmas autoras, a formação abarca um processo duplo de autoformação dos professores, ou seja, a partir de uma reestruturação constante dos saberes que efetuam em sua prática diária, como também suas experiências em novos contextos. Dessa forma, torna-se necessário que a escola seja um espaço de trabalho e de formação, o que implica diretamente em uma gestão democrática, de práticas curriculares participativas, podendo, assim, propiciar a criação de novas redes de formação de professor.

Lima e Pimenta (2012, p. 73) ressaltam um trabalho de Maria Lucia Vital dos Santos Abib, escrito em 2002, que trata da relevância da prática na formação de professores. Nesse trabalho, fica evidente a importância da implementação de certas atitudes, para o ensino relacionado à pesquisa e, ainda, um comprometimento do professor com o escopo da sua profissão e para com seus estudantes. Corroborando com a ideia, Lima e Pimenta (2013, p. 73) sugerem uma relação mais próxima entre a teoria e a prática que possa ajudar a resolver problemas com a educação e, ainda, o desempenho do profissional ligado ao ensino.

De igual modo, Lima e Pimenta (2012, p. 74) trazem uma publicação de Maria Isabel Batista Serrão, de 2002, que demonstra a real importância da observação, marcando uma percepção político-pedagógica quanto às demandas sociais, um contexto cultural e o encadeamento da aprendizagem para os estudantes. Nessa publicação, fica exposto que os estagiários, em contato com o contexto, tiveram a oportunidade de estar inseridos em ambientes e condições sociais muito diferentes, e esses espaços se tornaram lugares sociais de educação, de cultura e novas dimensões humanas, além da oportunidade de construir sonhos.

Para elucidar a ideia acima, as autoras trouxeram Manoel Oriosvaldo de Moura, o qual realizou um estudo, em 2002. As autoras interpretaram que esse autor considera o indivíduo como parte integrante da formação de uma sociedade e como ele se constitui ao realizar ações que o complementam. Em suas palavras, fica claro que devemos nos atentar para a atividade educativa, visto que ela nos revela formas diferentes de participar e, também, como podemos desenvolver determinado objetivo para o coletivo. Assim, ele considera que o pensar na coletividade se aprimora, a partir da sua ação pedagógica e, no decorrer do estágio e essa constituição do coletivo, vem possibilitar a formação do professor. Para isso, os professores mudam a situação, em que se encontram, que significa mudar as circunstâncias tanto para si mesmos quanto para a sociedade da qual fazem parte.

Lima e Pimenta (2012, p. 75), trazendo o estudo de Silvia Pereira G. de Moraes da Universidade Estadual do Maranhão, no IX Endiipe (1998) - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, mostraram que “há uma tendência que valoriza o professor como pesquisador e reflexivo e que emerge em contraposição à formação do professor como técnico; conseqüentemente, aponta a importância da qualificação profissional diante das novas exigências sociais”.

Para Mello (2010, p. 185), no escopo da formação de professores, pode ser possível construir um ambiente em que os professores exponham suas vivências, seu cotidiano em sala de aula, seu conhecimento prático, pessoal e profissional, as trocas de informações sobre o contexto escolar e que, nesse ambiente repleto de conhecimentos, desenvolvam suas aprendizagens vicárias, como também a si mesmos.

Além de aprender com suas experiências e consigo, para Lima e Pimenta (2013, p. 64), os cursos de formação podem ter uma função importante na constituição ou fortalecimento da identidade, à medida que propicia a reflexão e a análise crítica das inúmeras representações que estão entrelaçadas no contexto social, político e histórico do ambiente escolar e que são, muitas vezes, estabelecidas e praticadas dentro da profissão.

Lima e Pimenta (2012, p. 66) salientam sobre a constituição e a consolidação da identidade, além do desenvolvimento das convicções no que se refere à profissão, que podem estar diretamente ligadas às condições reais de trabalho, além da valorização e do reconhecimento dado pela sociedade à profissão. Portanto se torna imprescindível ressaltar os cursos de formação docente sobre “os saberes, a identidade profissional e as práticas formativas” e, ainda, no que se refere à profissão, incluir como é representada socialmente.

Entre os processos subjetivos e objetivos, na construção da identidade, conceitos como profissão e profissionalismo docente tornam-se pertinentes de ser abordados, sendo: “uma profissão representa o modo como se exerce determinada atividade, além das condições reais do exercício da profissão, e ainda os pré-requisitos para o ingresso” (LIMA; PIMENTA, 2012, p. 64).

Já o profissionalismo, para Lima e Pimenta (2013, p. 64), “significa o compromisso com um projeto político-democrático, uma atuação em grupo de um projeto pedagógico, o empenho no exercício de lecionar, o domínio do conteúdo e da didática, respeito à cultura do estudante, assiduidade e o cuidado na preparação das aulas”.

Não daremos foco na questão sobre profissão e profissionalismo, mas gostaríamos de trazer Mello (2010), considerando que é possível construir um ambiente em que os professores exponham suas vivências, seu cotidiano em sala de aula e, acima de tudo, um momento para que possam refletir sobre a docência.

Para complementar a ideia sobre formação de professor, Lima e Pimenta (2012) acreditam que esses cursos de formação são importantes na constituição e fortalecimento da identidade; na visão crítica da sua ação diária, o refletir no significado de ser professor, além da construção de determinados saberes e de muitos outros fatores que já foram citados.

De acordo com Mello (2010, p. 185), dentro da formação de professores devemos pensar em várias dimensões, como um espaço de conhecimento, um ambiente com aprendizados baseado na troca de informações.

Devemos pensar, também, na pesquisa narrativa que tenta desconstruir os formatos da sala de aula, em que os estudantes, professores, gestores e pesquisadores se tornam o âmago e, principalmente, autores das histórias sobre a escola e a educação.

Para a autora, quando isso acontece, esses estudantes deixam de ser apenas um nome no diário, a sala de aula é o ambiente em que ocorrem todas as histórias e, juntos, estudantes, professor e a escola, passam a ter suas próprias histórias.

Assim, pensando em todo contexto, Mello (2010, p. 186) relata sobre a pesquisa narrativa, ou seja, que ela pode dar voz a esses olhares que estão imersos no cotidiano escolar, como professores e alunos e todos os membros que compõem essa rede educacional.

Ao finalizar o capítulo sobre o referencial teórico, abordaremos um pouco sobre o contexto cultural no momento da imersão em outro país. Mas devemos ressaltar que é praticamente impossível descrever com precisão, levando em consideração as particularidades de cada indivíduo que se encontra imerso em outra cultura.

1.5 O contexto cultural no momento da imersão em outro país

Como observa Wilkinson (1998, p. 122), há inúmeras variações da experiência em estudar no exterior e raramente é possível descrever com precisão a qualidade e a extensão do contato social e da interação linguística. Em sua visão geral dos vários tipos de programas de educação no exterior, explica que estudar em um país estrangeiro é para aprender a nadar em águas desconhecidas,

diferenciando os modelos de programa, de acordo com o método de instrução aquática, ou seja, mergulhando no meio da correnteza, nadando nos redemoinhos e assim por diante.

Ainda, conforme o mesmo autor, certamente não é difícil imaginar como as águas da cultura de acolhimento (o rio) poderia assumir uma multidão de aparências diferentes dependendo de como foi introduzido a natação a eles.

Em outras palavras, uma variedade de fatores programáticos, como o tempo de permanência, o papel dos administradores do programa, os tipos de moradia disponíveis, a natureza de qualquer sessão de orientação e sistemas de apoio no exterior, podem desempenhar um papel influente na formação de experiências de imersão.

Wilkinson (1998, p. 123) observa que, uma vez em contato com um falante nativo, muitas vezes, pode levar a novas oportunidades para estabelecer laços tanto com pessoas de determinado país como ao sucesso de um indivíduo em fazer um amigo, fato que pode impactar sua experiência fortemente.

Devemos destacar que o contexto de imersão, longe do ambiente protegido de um laboratório de línguas, é um cenário complexo e multidimensional em que a comunicação verbal possui significados tanto culturais quanto sociais (WILKINSON, 1998, p. 132).

Mesmo quando os estudantes estão plenamente conscientes das diferenças culturais, não é incomum que tomem uma decisão consciente de não se conformarem com as convenções de cultura de acolhimento, pois, assim, mantêm seu senso de identidade própria. Ainda sugere que as pessoas reagem de várias maneiras à "ideia ameaçadora" de "diferença cultural fundamental", como a encontrada na maioria dos contextos de imersão, dependendo de sua própria sensibilidade à diversidade cultural (WILKINSON, 1998, p. 132).

Dessa forma, Wilkinson (1998, p. 132) ressalta que, na ausência de uma perspectiva privilegiada, os participantes tendem a interpretar novas experiências à luz de experiências passadas.

Em síntese, gostaria de destacar o papel fundamental que Luan, João e Ana tiveram neste trabalho, pois eles contaram seus sentimentos, suas angústias, seus medos, suas superações e, ainda, relataram suas experiências, aprendizagens, conquistas, mudanças e transformações, as quais nos fizeram refletir e criar este estudo, ao qual vários professores terão acesso e, com isso, esperamos contribuir para o progresso da educação.

O próximo capítulo se configura na Metodologia, em que estão traçados os percursos deste trabalho.

2 METODOLOGIA

Neste capítulo, estão descritas as escolhas metodológicas para o desenvolvimento desta pesquisa e está composto por cinco subitens, como: percurso metodológico, coleta de dados, *corpus* e sistematização da análise, narrativas autobiográficas, entrevista, procedimento de análise e participantes.

2.1 Percurso Metodológico

Esta é uma pesquisa de abordagem qualitativa, em que foi realizado um estudo de caso, com objetivos exploratório-descritivos.

Segundo Ludke e André (1986), em pesquisas qualitativas, o foco do pesquisador é o significado que as pessoas dão às coisas e à vida. Para essas autoras, nos estudos com essa abordagem, há uma tentativa de compreender a perspectiva dos participantes.

Bogdan e Biklen (1994, p. 46) complementam, salientando algumas características principais para pesquisa qualitativa, sendo:

- o ambiente natural como fonte de dados e o pesquisador como instrumento-chave;
- a característica essencialmente descritiva;
- a preocupação do pesquisador com o processo e não somente com resultados e produtos; e
- o significado é a preocupação principal.

Caracteriza-se como um estudo de caso pelos procedimentos técnicos utilizados. A investigação se deu sobre um fenômeno contemporâneo, ou seja, sujeitos intercambistas, imersos em uma cultura diferente das suas, passando por um momento de formação pessoal e profissional, sendo essas situações em que as fronteiras entre o contexto e o fenômeno não são ainda muito evidentes (YIN, 2010).

No estudo de caso, Ludke e André (1986) declaram que ele deve ser bem delimitado e os objetivos de pesquisa devem ser claramente vinculados ao estudo.

Orientada pelos procedimentos do estudo de caso, foquei meu olhar em minhas narrativas autobiográficas e, também, nas respostas das entrevistas realizadas com três ex-

intercambistas (ALVES-MAZZOTTI, 2006), coletando e analisando informações, considerando como eles avaliam suas próprias experiências no exterior, após participarem de um programa de intercâmbio e como essas experiências os interpelaram culminando em desenvolvimento tanto pessoal como profissional e, também, para as transformações de suas identidades.

As perguntas de pesquisa podem ser classificadas como exploratórias, de acordo com Bortoni-Ricardo (2008), que afirma que a pesquisa deve ser iniciada “com temas que podem constituir problemas de pesquisa”. Quem pesquisa deve refletir sobre os vários temas que surgem e depois escolher apenas um deles. “A definição de um tema e a proposição das perguntas exploratórias são duas etapas iniciais muito importantes”, mas, para que isso aconteça, deve-se ter clareza do que se quer investigar (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 50).

Após a definição clara do tema, da leitura de várias obras que sustentam este trabalho emergiram duas perguntas, as quais norteiam a análise e discussão. Para elucidar seguem as duas perguntas norteadoras, sendo:

- 1- Quais são os efeitos dos intercâmbios internacionais que podem ter influenciado os participantes a se tornarem professores de Língua Inglesa?
- 2- Quais são as possíveis transformações de identidade decorrentes do intercâmbio segundo as percepções desses participantes?

2.2 Participantes

No total são 4 participantes, sendo participante e pesquisadora desta pesquisa (Gio), em que escreveu uma narrativa autobiográfica para o *corpus* de análise; já para os outros três participantes, foram realizadas entrevistas, que compõem o *corpus* e seus pseudônimos são Luan, Ana e João.

A faixa etária é de 28 a 34 anos, com nível de escolaridade entre graduação a doutorado, dois participantes do sexo feminino e dois do sexo masculino.

Os participantes foram escolhidos por terem estado em um mesmo contexto cultural, todos estiveram imersos na Eslováquia, porém, em ONGs diferentes e em períodos diferentes, por meio de intercâmbio.

No período em que estivemos na Eslováquia, apenas eu já possuía uma formação acadêmica (Letras); Luan e João haviam acabado de sair do Ensino Médio; e Ana estava no primeiro ano da faculdade de Administração.

Nenhum deles foi identificado, em nenhum momento da pesquisa, cumprindo as exigências legais feitas pelo Comitê de Ética de Seres Humanos da Universidade Federal de Lavras e que teve o projeto aprovado com o número: 58245716.1.0000.5148. Abaixo segue um quadro com os dados dos participantes.

➤ **Dados dos participantes.**

	Sexo	Idade	Período do Intercâmbio	Língua que leciona
Luan	Masculino	28	Maio de 2007 a Maio de 2008	Inglês
João	Masculino	28	Maio de 2007 a Maio de 2008	Inglês
Ana	Feminino	28	Maio de 2008 a Maio de 2009	Inglês e Espanhol
Gio	Feminino	34	Maio de 2008 a Maio de 2009	Inglês

Fonte: Da autora (2017).

2.3 Geração do *corpus* de análise

A coleta foi realizada com três participantes de intercâmbios internacionais, no segundo semestre de 2016 e com a elaboração da minha narrativa autobiográfica, cujos textos compuseram o meu *corpus* de análise.

Como forma de geração de dados, foi utilizada entrevista semiestruturada que, para Ludke e André (1986), é uma combinação de questões abertas e fechadas e, também, é dirigida por uma série de questões norteadoras do tipo *check list* e com o devido espaço para a manifestação dos participantes.

2.3.1 Narrativas autobiográficas

Para obtenção dos dados, primeiramente, elaborei as minhas narrativas autobiográficas, em que:

...a experiência lembrada, própria ou de outro, ratificam Rossetti-Ferreira, Amorim e Silva (2004) são internalizadas dialeticamente, através de negociações intensas que se travam no interior da rede de significações em que estamos imersos, em outras palavras, o que é internalizado e contribui para as características constitucionais do ser humano não é a experiência, um evento ocorrido, mas significados e sentidos produzidos pelo sujeito ante ao acontecido, vivido, ou segundo Vygotsky (1994, p. 340 apud OLIVEIRA; STOLTZ, 2010) os fatores refratados através do prisma da experiência emocional.

As narrativas autobiográficas foram produzidas, no segundo semestre de 2015 e são compostas por uma reconstrução de memórias de quando estive imersa em outra cultura, por meio de um intercâmbio, em uma pequena cidade chamada Čadca, na Eslováquia - Europa - no período de maio de 2008 a abril de 2009, sendo voluntária e exercendo a função de professora de língua inglesa e língua portuguesa em uma ONG chamada Keric.

2.3.2 Entrevistas

Para explicar melhor sobre entrevista, Ludke e André (1986) destacam que a grande vantagem dessa técnica é o fato da captação imediata da informação desejada. As entrevistas podem ser conduzidas por uma série de questões, mas com espaço para manifestação do entrevistado de forma mais aberta. Esse tipo de entrevista comporta tanto itens fechados como abertos. As questões fechadas implicam na resposta a alternativas propostas pelo pesquisador (LUDKE; ANDRÉ, 1986). As perguntas que norteiam as entrevistas podem ser lidas no apêndice.

As entrevistas foram sincrônicas, realizadas por meio de um computador com acesso à internet e com câmera integrada por uma ferramenta muito comum denominada *facebook*.

2.4 Sistematização e Procedimento de Análise

Para o desenvolvimento da análise e discussão, foram retomadas as perguntas norteadoras de pesquisa que serviram de orientação à leitura dos dados e à realização da análise textual qualitativa, a qual pode ser compreendida como um “processo auto-organizado de construção de compreensão, em que novos entendimentos emergem de uma sequência recursiva

de três componentes: desconstrução dos textos do *corpus*, a unitarização; estabelecimento de relações entre os elementos unitários e a categorização” (MORAES, 2003, p. 192).

Após selecionados os excertos mais significativos que puderam colaborar para responder às perguntas de pesquisa, identifiquei cada excerto com um código composto do nome do participante, a letra R, correspondente à Resposta, seguida do número a que se referia cada pergunta do questionário. Exemplificando: o nome do participante, Ana, seguido da letra R = resposta e, logo após, o número relacionado à pergunta (no apêndice); assim, ficou da seguinte maneira: AnaR12, JoãoR15 ou LuanR9. Já, para mim (Gio), não há codificação, pois os dados são advindos de narrativa autobiográfica, em que o texto não está numerado.

Para responder a cada pergunta, emergiram 4 temas tanto para pergunta 1 quanto para pergunta 2.

Na pergunta 1 - Quais são os efeitos dos intercâmbios internacionais que podem ter influenciado os participantes a se tornarem professores de Língua Inglesa? E seus respectivos temas: a) a mudança de percepção do intercambista sobre si mesmo considerando docência como carreira; b) a aprendizagem ligada à prática docente; c) a metodologia de ensino; e d) a reflexão da prática docente.

Na pergunta 2 - Quais são as possíveis transformações de identidade decorrentes do intercâmbio segundo as percepções desses participantes? Os temas são: a) a segunda língua por meio da imersão; b) a adaptação à nova cultura; c) a forma de acolhimento e sentimento de pertencimento; e d) desenvolvimento da maturidade pessoal e profissional.

3 DISCUSSÃO DOS DADOS

Para o desenvolvimento da análise e discussão dos dados, foram retomadas as perguntas norteadoras de pesquisa que serviram de orientação à leitura dos dados e à realização da análise textual qualitativa, a qual pode ser compreendida como um processo auto-organizado para compreensão dos dados.

Após selecionados os excertos mais significativos, como citado na metodologia, cada excerto teve um código composto do nome do participante, a letra R, correspondente à Resposta, seguida do número a que se referia cada pergunta do questionário. Como exemplo: AnaR12, JoãoR15 ou LuanR9. Já, para mim (Gio), não há codificação.

O movimento, a partir das perguntas de pesquisa de destacar os excertos, agrupá-los para definir os temas e interpretá-los, proporcionou condições para identificar as possíveis transformações identitárias e efeitos decorrentes da vivência no intercâmbio, assim como analisar minha própria experiência; analisar a experiência de outros professores ex-intercambistas e refletir sobre as transformações de identidade como possivelmente decorrentes de efeito de intercâmbios.

Primeiramente, no item 5.1, foi respondida a pergunta 1 e seus temas correspondentes, assim como no item 5.2 a resposta da pergunta 2 e seus temas.

Os temas definidos para responder à pergunta 1 – Quais são os efeitos dos intercâmbios internacionais que podem ter influenciado os participantes a se tornarem professores de Língua Inglesa? foram: a) mudança de percepção do intercambista sobre si mesmo considerando a docência como carreira; b) aprendizagem ligada à prática docente; c) metodologia de ensino; e d) reflexão da prática docente.

Para responder à pergunta 2 - Quais são as possíveis transformações de identidade decorrentes do intercâmbio segundo as percepções desses participantes? são os temas: a) a segunda língua por meio da imersão; b) adaptação à nova cultura; c) forma de acolhimento e sentimento de pertencimento; e d) desenvolvimento profissional.

Além dos principais excertos e dos autores do referencial, faço uma reflexão também sobre o meu posicionamento, estando no papel de pesquisadora e professora vivente de intercâmbio.

3.1 Quais são os efeitos dos intercâmbios internacionais que podem ter influenciado os participantes a se tornarem professores de Língua Inglesa?

Para começar, darei ênfase ao tema: a) mudança de percepção do intercambista sobre si mesmo considerando a docência como carreira.

Os excertos abaixo me permitiram visualizar a mudança de percepção que o intercambista teve sobre si mesmo e interpretar que os participantes não imaginavam tornarem-se professores até participarem de um intercâmbio e terem a oportunidade de lecionar. Fato que corrobora com Plews (2014), ao declarar que os participantes de um programa de estudo no exterior adquirem e são encorajados a refletir sobre o seu novo contexto, além de reposicionar a percepção de si mesmo. Isso pode ser visto no excerto retirado da fala de Ana, abaixo:

...antes eu nunca tinha pensado em dar aulas e lá acabei aprendendo,...
(AnaR12).

É possível observar que a motivação ocorreu, a partir da oportunidade de estar inserida em outra cultura e em contato direto com a docência, experiência que despertou o interesse pela profissão. Stein (2013) vê esse processo como um desenvolvimento de integração entre o lado pessoal e o profissional de se tornar e ser professor, o que pode ser percebido também pelo relato de Luan:

...percebi que dar aulas era uma coisa que eu gostava muito e eu acho que se eu não tivesse ido pra fora eu não teria, enfim, revelado isso de mim mesmo... (LuanR12).

Ainda dentro do tema: a) mudança de percepção do intercambista sobre si mesmo considerando a docência como carreira, houve também uma percepção sobre si mesmo referente ao que a língua representa. Essa interpretação está marcada no relato de João.

Este participante sinalizou ter percebido a língua de forma diferente, demonstrando que a língua não é somente um instrumento e, por meio de suas percepções, estando imerso em outra cultura e, em contato com vários falantes da língua inglesa, ele pôde se ver além de um falante da língua e começou a entender outros mecanismos da linguagem, desenvolvendo-se

assim como um professor observador e não técnico, o que demonstrou uma ressignificação de sua identidade como falante e também como professor.

Esse excerto permite compreender o que Wilkinson (1998) afirma sobre o contexto de imersão ser um cenário complexo e multidimensional, em que a comunicação verbal possui significados tanto culturais quanto sociais, embora, muitas vezes, invisíveis.

... porque eu senti que a língua deixou de ser apenas uma coisa distante de mim, mas um meio de comunicação, então passou a ser também e me identifiquei bastante nesse período não apenas como um professor da língua, mas como um falante da língua,... (JoãoR9).

Esse excerto nos permite refletir sobre a influência direta que os professores podem ter em vivência no intercâmbio para o desenvolvimento e prosseguimento na carreira docente.

Dentro desse tema, corroboro com Stein (2013, p. 3) sobre a identidade do professor ser “formada por alguns fatores, como: visão dele sobre si; a visão que os outros têm deste profissional” e entre outras pessoas que compõem essa rede profissional. Os relatos abaixo de João e Ana foram destacados para ilustrar o tema:

...lá que realmente eu lecionei, comecei a dar aulas, lá que eu consegui enxergar como uma carreira,... (JoãoR9).

... a experiência que eu tive, quando eu fiz o intercâmbio, eu tinha que dar aulas, então acabou me motivando um pouco, quando eu retornei, eu terminei a graduação e decidi que queria seguir essa carreira...(AnaR8).

Ainda outros relatos sinalizam para os efeitos dos intercâmbios internacionais que influenciaram os participantes a enxergar a docência como carreira. Embora os intercambistas não citem ninguém, é possível perceber que, quando eles falam sobre “o intercâmbio”, estão imbricadas as vozes que perpassaram as suas vivências e que permite concordar com Stein (2013), ao afirmar que existem muitas vozes que colaboram para a formação de traços identitários do professor de línguas.

...eu já trabalho com ensino há algum tempo, assim, muito devido ao intercâmbio que eu fiz, na verdade, né, graças ao intercâmbio que eu comecei a dar aula de inglês, assim (LuanR7).

... Eu acho que pela experiência de dar aula acabou despertando o interesse em lecionar... (AnaR9).

...essa questão de trabalhar com a língua em outro país com falantes de outro idioma me motivou bastante para começar a enxergar a necessidade e ter mais vontade de trabalhar com isso... (JoãoR9).

Ainda dentro dos pontos destacados como efeitos de intercâmbio que podem ter influenciado os participantes a se tornarem professores de língua inglesa está: b) a aprendizagem ligada à prática docente. Todos participantes foram para ONGs que trabalham com educação e línguas e, assim, tiveram a experiência em lecionar.

João relata que aprendeu a conversar com os estudantes, dar um *feedback* para eles, instruí-los. O intercambista ressalta que, como não tinha o português para se apoiar, ele precisava ser o mais claro possível e que isso o transformou bastante. Esse fato nos remete a Hall (1998), ao avaliar que as identidades podem estar sujeitas a uma historicização substancial, pois se encontra em constante processo de mudança/ transformação e um elemento importante é que são estabelecidas dentro e não fora do discurso. Compreendo, pelo relato abaixo, que a prática transformou esse participante.

... em termos técnicos eu acho que tem a ver com coisas básicas que vão desde dar a instrução pro aluno até dar o *feedback* pra ele. Da instrução eu acho que o que mais mudou foi a questão que, como eu falei no começo, como eu tive que trabalhar num país que falava outra língua dando aula de inglês, eu senti que eu tinha atravessar pro outro lado que ser claro, eu não podia rebuscar muito, então eu senti que foi uma questão assim que aprendi dar instrução assim claro o suficiente, direto ao ponto pros alunos, o que eu acho que hoje em dia ajuda muito o meu trabalho, também me ajudou a antecipar as dúvidas, porque eu tinha que improvisar porque eles iam me perguntar coisas em eslovaco que eu não saberia responder, eu não saberia entender a pergunta deles né, e eu também acho que na questão de aspectos, porque é uma cultura tão diferente, a questão de responder o aluno como dizer se ele está indo bem ou não está, não é como no Brasil que te puxa numa responsabilidade tão grande, que depois você aprende outras opções de como chegar e como dar esse recado pro aluno se ele está indo bem, na sala de aula eu também acho que fiquei um pouco mais compreensível e me deu muita ideia, porque lá, eu também acho que estar em outra cultura já aprendi muito essa prática, muitas atividades, o que não existe aqui, é um tipo um pouco diferente, também me ajudou muito nas minhas aulas aqui, e fico imaginando que é por causa da experiência lá... (JoãoR13).

Entre os excertos que demarcam a aprendizagem ligada à prática docente, também, há o relato da intercambista Ana, ao declarar que ela era muito tímida e que o seu contato com a sala de aula a fez se soltar e, também, aprendeu a ter uma postura profissional. Como pode ser visto abaixo,

...eu era muito tímida, então quando eu comecei a dar aulas eu tive que me soltar, aprender ter uma postura dentro da sala de aula, é... de ter uma certa cobrança com os alunos, principalmente porque eu tinha alunos que era da minha idade, então de não transparecer aquela imagem de colega, mas de professor, eu acho que isso quando eu voltei me ajudou muito a continuar dando aula aqui, porque me ajudou a ter essa postura de um professor dentro da sala, de como me portar de como agir, como chamar a atenção do aluno, como ensinar, as técnicas de ensino, também eu acho que ao longo que a gente vai fazendo, porque eu não tive uma formação pedagógica, então ao longo da experiência, eu fui aprendendo qual era o melhor caminho, as melhores técnicas, o que pra mim dava mais certo, o que dava mais certo para os alunos, então acho que nesse sentido me modificou bastante... (AnaR12).

Esse relato nos permite pensar sobre a identidade ser construída “sócio-histórico-culturalmente”, além de “algo mutável, que desenvolve durante a vida toda de uma pessoa”, como explica (STEIN, 2013, p. 2).

A mesma intercambista ressalta a questão de pensar na didática em sala de aula, trazendo componentes para os estudantes aqui do Brasil, que não relacionam apenas ao conteúdo gramatical, mas, sim, a informações adicionais, como cultura, costumes de outros países, formas diferentes de se comunicar, gírias e que ela considera que isso foi incorporado por meio da sua prática docente. Esse pensamento da intercambista nos remete à Linguística Aplicada (LA) que Kleiman (1995) caracteriza como privilegiadas as práticas de linguagem em contextos institucionais diferentes do educacional, como: contextos de aprendizagem não escolares; instituições e, ainda, o papel das trocas linguísticas na constituição das identidades. Abaixo o relato de Ana:

...a questão dos aspectos culturais também, de buscar trazer coisas interessantes, principalmente quando eu voltei pra cá, é... de trazer coisas para os alunos não só que ficassem restritas àquele conteúdo da aula, mas informações adicionais que tivessem a ver com cultura, com os costumes de outros países, os modos de falar, as gírias, esse tipo de coisa que eu acho que a gente acaba trazendo depois para as práticas na sala de aula, diante dos alunos... (AnaR13).

Esses excertos permitem visualizar a transformação da identidade dos intercambistas e acredito que possamos dizer sobre identidade profissional, pois, mesmo não tendo a titulação, eles já se veem como professores. E, em suas falas, demonstram o quanto aprenderam e se sentiram confiantes, estando em sala de aula lecionando. Por meio dessa interpretação, novamente trazemos a Linguística Aplicada que se concentra em preparar o professor para que ele mesmo possa discernir o que é mais adequado em cada contexto (FERNANDES, 2012). Como demonstrado pelo relato abaixo,

... eu acho que sim, porque até eu fazer o intercâmbio eu tinha passado só pelo lado de aluno, nunca pelo lado de professor... (AnaR14).

...e aí com a experiência lá, eu acho que a gente consegue perceber, aprender que existem várias formas de realizar esse processo de ensino-aprendizagem, alguns alunos aprendem de uma forma mais fácil com determinado método, com determinada prática, enquanto outros talvez não vão se adaptar tão bem, e aí a gente acaba tendo que ir buscar os melhores caminhos, tentando se adaptar à realidade de cada aluno,... (AnaR14).

Ainda no que tange à aprendizagem ligada à prática docente, como intercambista, ficou destacado, em minha fala, que trabalhar com um grupo distinto de estudantes, ou seja, de várias idades, fez-me pensar em diferentes atividades, em exercícios e, assim, tornei-me mais dinâmica e descobri também que eu gostava de trabalhar com adolescentes, pois até então eu havia trabalhado apenas com crianças. Isso foi um grande divisor, pois, ao voltar para o Brasil, preferi trabalhar com grupos de adolescentes. Assim, podemos pensar na LA e na constante reflexão para que nos dê respostas aos desafios encontrados no nosso cotidiano escolar. E ainda possibilitar mecanismos de ruptura com os preconceitos, reconhecendo as diferenças, desigualdades e entender que a própria relação com o conhecimento faz parte da experiência por uma escola melhor e de qualidade (OLIVEIRA, 2009). O relato abaixo marca essa ideia:

...trabalhar com esse grupo distinto me fez pensar em muitas atividades e também descobri que eu gostava de trabalhar com adolescentes... (Gio).

Gostaria, também, de ressaltar que ter participado do intercâmbio e lecionado foi como se eu tivesse feito uma especialização, em minha área de atuação, pois eu tinha saído da faculdade há pouco tempo e ter a oportunidade de ficar imersa em um contexto multicultural,

em que o inglês era a língua mais utilizada, foi essencial para minha construção identitária como professora de língua inglesa.

Destaco ainda que aprendi muito com essa experiência, como didáticas novas, recursos pedagógicos, materiais de apoio e isso tudo agregou na forma como eu leciono, como também a me sentir membro de uma comunidade de professores de línguas. Para isso, remeto-me a Plews (2014, p. 281), segundo o qual o estudo no exterior é apropriado para a experiência e investigação das questões de identidade. Como marcado no excerto abaixo:

...ter participado do intercâmbio foi como fazer uma especialização na minha área e ainda tendo a oportunidade de estar inserida no contexto de língua adicional, aprendi muita didática nova e pude ter contato com muitos materiais e recursos didáticos o que agregou bastante na minha forma de lecionar... (Gio).

Porém, mesmo passando por essa experiência, ainda sinto a necessidade de aprimorar o meu inglês; hoje eu gostaria de começar um doutorado aqui, no Brasil, com ênfase em linguística aplicada e, logo depois, tentar um intercâmbio dentro da minha linha de pesquisa em um país cuja primeira língua seja o inglês, pois acredito que o domínio eficiente da língua é um instrumento essencial para garantir a minha participação na vida social, acadêmica e profissional de modo ativo e crítico.

Na sequência, darei ênfase em como os intercambistas enxergaram as: c) metodologias de ensino utilizadas em sala de aula, na Eslováquia e como essas metodologias foram úteis no momento que estavam lecionando. Vejo esse tema como um efeito dos intercâmbios internacionais para os participantes se tornarem professores de Língua Inglesa, pois, a partir da visualização desses métodos, sentiram-se mais confiantes para lecionar.

Luan pôde observar uma metodologia diferente da nossa aqui no Brasil e, também, presenciar que os professores de inglês, na Eslováquia, comunicavam-se em inglês com seus estudantes em sala de aula e não em eslovaco. Em algumas escolas professores eram nativos de língua inglesa e, depois de presenciar essas aulas sendo ministradas somente em inglês, ele se sentiu encorajado a fazer o mesmo, mas relata que, quando foi ministrar no Brasil, percebeu que se deparava em um contexto diferente e que isso o decepcionou um pouco. Assim, corrobora com Fernandes (2012) e Kumaravadivelu (2006) sobre a mudança da sociedade em proporcionar um

novo campo de atuação do professor. Novos contextos podem trazer novos enfoques, para o processo de ensino-aprendizagem, conforme se pode ver nos excertos:

... eu via um modelo educacional bem diferente do nosso... (LuanR11).

... o inglês que eles aprendem na escola, por exemplo, é muito diferente do que nós aprendemos aqui, e a gente basicamente tem aquele professor que vai passar a regra gramatical e vai pedir pra gente traduzir texto e a gente sai sem saber falar, na maioria das vezes, não é todos os casos, por isso que a gente tem os cursos de inglês, eu vi que os adolescentes no ensino fundamental assim eles já tinham aulas de inglês em inglês apenas, então em algumas vezes até com professores nativos que não falavam a língua deles, então quer dizer é bem diferente e isso me motivou bastante pra falar a verdade, eu cheguei no Brasil me decepcionei, assim pq aí eu fui tentar, eu achei que aquela realidade de lá seria possível aqui e aí eu comecei a dar aula em algumas escolas em Lavras e eu vi que não era tão assim, na realidade era bem diferente mesmo, mas com certeza me influenciou bastante... (LuanR9).

Esse excerto também me leva a refletir sobre o momento em que leciono, sobre o conteúdo que utilizo e como estimular os estudantes a aprenderem uma língua adicional.

Como professores, precisamos refletir sobre o conteúdo ministrado, explorar mais o contexto e o *background* do estudante, estimular a comunicação somente em inglês e repensar nas maçantes regras gramaticais e nas traduções, pois, muitas vezes, o estudante finaliza o ensino médio e não completa o ciclo do aprendizado cujo objetivo final é a comunicação na língua adicional.

Acredito que os professores não se comunicam em inglês com seus estudantes e, assim, torna-se praticamente impossível seus estudantes terem a habilidade oral, pois eles não ouvem o inglês. Sendo assim, impraticável reproduzir na fala, o que nos remete a Oliveira (2009), ao se referir à LA de um mundo pós-moderno, significa que é uma área de produção de conhecimentos que pretende assumir como objeto de estudo a linguagem verbal em uso e em práticas sociais.

Como professora e pesquisadora, acredito que para ministrar aulas de inglês, aqui no Brasil a pessoas que nunca tiveram contato com a língua inglesa ou que estão iniciando seus estudos, é necessário grande empenho e dinamismo para que o professor consiga atingir seu objetivo. Diferentemente de trabalhar falando somente em inglês com pessoas que já têm certa noção da língua, ou que o lhes contexto seja propício, dessa forma, devemos refletir sempre em qual contexto ou situação que nos encontramos.

Luan, também, disse que não foi uma tarefa fácil lecionar a língua inglesa utilizando apenas o inglês. Para ele, foi um desafio muito grande, pois não eram estudantes brasileiros e, sim, eslovacos e ele não dominava o eslovaco.

Por meio dessa fala, podemos perceber que Luan teve que se esforçar bastante, para ensinar o inglês somente em inglês, mas que é possível. Assim, remete-nos às pesquisas narrativas, em que as histórias que os professores contam sobre suas vidas - passado, presente e futuro - são parte essencial para compreensão de como os professores de línguas estão no mundo real e também em mundos imaginados que em ambos habitam e constroem (BLOCK, 2017).

...então, assim, a minha tarefa de dar aulas de inglês pra pessoas que não falavam a minha língua, ou seja, dar aulas de inglês para não brasileiros foi de certa forma um desafio muito grande, por que eu ainda não dominava muito bem a língua deles, que era o eslovaco, então eu tinha em mente que eu tinha que ensinar inglês em inglês, né, e era uma coisa que pra mim eu não vivi isso aqui no Brasil, a não ser no momento eu que eu tive as aulas com uma professora particular, quando eu tive que aprender falar inglês... (LuanR13).

Além desses relatos, ressalto excerto da minha narrativa, como intercambista e pesquisadora. Particpei de uma metodologia muito marcante e que acredito que pode ser algo para repassar a brasileiros que estudam vários anos, mas que não aprimoram a fala por não terem uma oportunidade de aplicar seus conhecimentos, pois não têm contato com outras pessoas que falam a língua. Assim, Block (2017) define as identidades dos professores de línguas, como esses indivíduos se autoposicionam e são posicionados por outros, por professores, por estudantes, por colegas de trabalho e por outras pessoas envolvidas com a educação e até mesmo pelas tarefas que podem ser consideradas como ensino.

Foi realizada uma atividade em que a professora ministrou muito bem, vindo a agregar de forma positiva no meu aprendizado. Como exposto no excerto abaixo:

...as aulas começavam às 7 h e finalizavam às 19h. Nós fazíamos atividades em grupo, almoçávamos juntos, tomávamos café juntos e jantávamos juntos, totalmente inseridos num contexto o qual forçava a comunicação para a língua inglesa.

No primeiro dia, a professora Ilma fez um questionário e, a partir dele, ia fazendo as perguntas individualmente e, ao mesmo tempo, gravando um vídeo, a partir desse vídeo, ela pôde perceber o nível de cada estudante e

depois, para realizar as atividades, ela escolhia os grupos, o que pude perceber era que ela colocava quem sabia mais com quem sabia menos e ao realizar as tarefas quem sabia mais auxiliava quem sabia menos, o que agregou bastante no meu aprendizado... (Gio).

No que tange à: d) reflexão da prática docente, os meus relatos apontam que faço essa análise da prática, que reflito sobre o meu fazer e como posso atingir o meu estudante de forma significativa, mas que, para isso acontecer, demanda meu esforço em querer aprender mais, compreender sobre as questões que giram em torno da linguagem e da educação e ensinar não somente uma língua adicional, mas abordar questões que permeiam a vida e o contexto de cada estudante. Posicionamento que aclara a explicação de Mello (2010) sobre a pesquisa narrativa implicar que o pesquisador é ao mesmo tempo autor e investigador da história cujo fenômeno estuda e, assim, contribui para a ação de construção do conhecimento, como para a reflexão crítica.

Dessa forma, contribuo não apenas para o meu desenvolvimento pessoal e profissional, mas também para os estudantes e, que após atingi-los de forma significativa, posso receber o entusiasmo deles e também acreditar que as transformações podem ocorrer por meio da educação. Como pode ser visto nos excertos que se seguem:

...vejo que posso compartilhar de sonhos que podem se tornar objetivos e, a partir da dedicação, esforço e entusiasmo, tornam-se realidade... (Gio).

...e para despertar esse potencial nos estudantes, percebo que preciso avançar, ou seja, compreender melhor sobre questões que permeiam o mundo tanto da educação quanto do contexto social deles... (Gio).

...o esforço de compreender questões do mundo e correlacioná-las à educação, por meio de análise dos meus próprios atos, poderá contribuir para o aprimoramento de minha própria prática, o que espero ter como retorno o entusiasmo dos estudantes em acreditar que as suas transformações podem ocorrer a partir da educação... (Gio).

...por acreditar que a linguagem está diretamente ligada a essas transformações, dedico-me, nas aulas de língua inglesa, a não somente ensinar uma língua adicional, mas também abordar questões que permeiam a vida desses estudantes. Contudo sinto a necessidade de aprimorar os meus conhecimentos... (Gio).

Finalizo a análise da questão número 1 - Quais são os efeitos dos intercâmbios internacionais que podem ter influenciado os participantes a se tornarem professores de Língua

Inglesa? Compreendendo que a mudança de percepção do intercambista sobre si mesmo considerando a docência como carreira, causada pelas práticas em sala de aula, ocorreu a partir da oportunidade de estar inserido em outra cultura e em contato direto com a docência, assim como as aprendizagens ligadas à prática docente, em que tivemos a experiência de lecionar e, assim, pudemos vivenciar novas estratégias de sala de aula. Dessa forma, podemos perceber que essa experiência passou segurança, criando um posicionamento profissional, ou seja, passando de estudantes para professores.

Quanto à metodologia de ensino para a qual eu mesma trouxe um exemplo e na qual acredito, por meio desse relato, outras pessoas também podem se inspirar; e também devo destacar a reflexão da prática docente, reflexão essa percebida a partir da elaboração das narrativas autobiográficas que me permitiram a práxis.

Todas essas marcas foram regadas por muitas relações, durante a imersão de todos os participantes no intercâmbio, o que me permite concordar com Plews (2014, p. 281) que, para estudar no exterior, existe uma distinção intrínseca das rotinas, dos comportamentos, das preferências e dos interesses pessoais dos participantes que se posicionam em novos contextos, como: lugares, experiências, atividades, papéis e relacionamentos. Ainda o mesmo autor reforça que os participantes também são conduzidos pela diferença linguística e cultural de suas experiências anteriores, sociais e históricas.

3.2 Quais são as possíveis transformações de identidade decorrentes do intercâmbio segundo as percepções desses participantes?

As possíveis transformações de identidade dão indícios que permitem responder a essa questão, mesmo que não seja de forma pontual e concreta, uma vez que se tratou de uma experiência permeada por sensações e emoções, que, muitas vezes, não se consegue resumir. É importante destacar que não se pode dizer que transformações identitárias tenham de fato ocorrido, motivo pelo qual aqui identificamos apenas alguns possíveis indícios.

Para melhor exemplificar, na análise, foram destacados os temas: a) a segunda língua por meio da imersão; b) adaptação à nova cultura; c) forma de acolhimento e sentimento de pertencimento; e d) desenvolvimento profissional.

Para iniciar, darei ênfase ao aprendizado da língua: a) a segunda língua, por meio da imersão dos participantes envolvidos nesta pesquisa.

O excerto abaixo da intercambista Ana marca a importância de estar inserida em um contexto no qual era obrigada a falar e, em sua opinião, ao ouvir e ter que falar a língua, foi o momento de aprimorar a conversação, diferentemente de quando não está em um contexto no qual não se ouve a língua. Esse relato de Ana me permite corroborar com a ideia de Wilkinson (1998), ao comparar que estudar em um país estrangeiro é para aprender a nadar em águas desconhecidas, diferenciando os modelos de programa, de acordo com o método de instrução aquática, ou seja, mergulhando no meio da correnteza, nadando nos redemoinhos e assim por diante. Abaixo os relatos de Ana:

... então no começo eu tinha bastante dificuldades e eu acho que a experiência no exterior ajudou nisso também a desenvolver essa dificuldade que eu tinha, melhorar e a questão também de vocabulário né que eu também tinha um pouco de dificuldade para guardar muitas palavras, o significado, é... então além da parte de ouvir de audição era a parte que eu também tinha mais dificuldade essa questão de vocabulário, de memorizar mesmo, pela questão de quantidade de palavras e pela diversidade de significados que as vezes uma mesma palavra podia ter no inglês... (AnaR15).

... eu acho que a parte de audição igual eu falei é a experiência realmente de estar inserido em um contexto em que eu era obrigada a falar, principalmente o inglês, já que eu não falava o eslovaco, e o português não tinha ninguém que falava no país, então eu tinha que realmente lidar com o inglês e isso com o tempo a gente acaba acostumando e vai aprimorando a partir da audição e o vocabulário a medida que a gente vai tendo que usar sempre, acaba memorizando melhor do que quando a gente só estuda, quando a gente não está inserido neste contexto que a gente realmente tem que praticar a língua... (AnaR16).

É importante destacar a vontade, o objetivo e o engajamento a que a pessoa se propõe a ter no aprendizado de segunda língua, complementando a ideia de Wilkinson (1998) sobre as águas da cultura de acolhimento, ou seja - o rio pode assumir aparências diferentes dependendo de como foi introduzido a natação a eles. Abaixo mais um relato de Ana que marca essa ideia:

... querer melhorar a fala, principalmente do inglês, buscar melhorar os meus conhecimentos sobre a língua estrangeira... (AnaR9).

Entre outros vários relatos, a imersão também demonstra um fator propulsor para o aprendizado de segunda língua. Em outras palavras, há uma variedade de fatores, como o período de permanência, o papel dos administradores do programa, os tipos de moradia, a orientação aos participantes, o apoio no exterior, tudo isso pode desempenhar um papel influente na formação de experiências de imersão Wilkinson (1998). Assim como pode ser visto no relato de Luan,

.. eu não fui para um país que falava inglês como primeira língua, mas eu fui para um país onde as pessoas falam inglês, quase todas as pessoas, e então na verdade eu acho que eu pude aprender muito sobre a língua com os outros, na informalidade na verdade, então eu acho que o contato direto com falantes de inglês mesmo que não nativos ele facilitou muito esse processo pra mim... (LuanR16).

Outro fator destacado por Ana é o contato amigável com outras pessoas que não falam sua língua e, por isso, ela necessita ter uma língua em comum para se comunicar e, neste caso, o inglês seria o veículo mais fácil de comunicação. Esse posicionamento de Ana me remete ao discurso de Wilkinson (1998), pois, para esse autor, o contato com um **falante nativo** (grifo meu) poder levar a novas oportunidades para estabelecer laços tanto com pessoas quanto com determinado país; e o sucesso de um indivíduo, ao fazer um amigo, pode impactar sua experiência fortemente. Diante desse discurso, corroboro parcialmente com esse posicionamento, uma vez que Ana não teve contato direto com **falante nativo**, mas com pessoas que falavam o inglês como segunda língua. Abaixo o excerto do relato de Ana:

... e a convivência com pessoas de vários países que acaba incentivando a gente a querer aprender uma língua estrangeira... (AnaR11).

No excerto abaixo, Ana fala da experiência no exterior como algo primordial, pois a pessoa se encontra em um contexto no qual tem que se comunicar.

... eu acho que a experiência no exterior é a melhor forma, porque igual eu falei, você está inserido em um contexto que você realmente tem que utilizar aquilo que você aprendeu e eu acho que a prática é um dos melhores meios de aprendizagem... (AnaR19).

Um ponto importante desse relato é que ela nos faz refletir sobre quem é essa pessoa que está imersa, se ela já tem uma base de segunda língua ou se ela foi sem saber nada, pois

em sua fala ela afirma: “você está inserido em um contexto que você realmente tem que utilizar aquilo que você aprendeu”, ou seja, essa pessoa que consta no relato dela tem uma base perante a língua do país no qual está inserida e isso, no meu entendimento, traz mudanças, visto que não é simplesmente pelo fato de estar inserido em outra cultura que ocorrerá o aprendizado concreto de determinada língua, o que vai ao encontro do pensamento de Wilkinson (1998), ao destacar que há inúmeras variações da experiência em estudar no exterior e raramente é possível descrever com precisão a qualidade a extensão do contato social e da interação linguística.

Como no excerto retirado da minha narrativa, sobre o meu aprendizado da língua, o eslovaco, na Eslováquia,

... essa experiência no *summer camp* foi muito gratificante e, ao mesmo tempo, desesperadora, pois ajudei a cuidar de um grupo de crianças, mas eu não falava Eslovaco, eu sabia apenas algumas palavras básicas, e as crianças tentavam me ajudar com a pronúncia e também com novos vocabulários; mas mesmo em contato e, às vezes, algumas imersões com grupos eslovacos, meu vocabulário não se desenvolveu como o inglês. Eu não sei dizer se a língua é realmente muito difícil, se não me dediquei o bastante, ou se meus amigos foram escolhidos pela língua que eles falavam (inglês), só sei dizer que meu nível de vocabulário é bem restrito levando em consideração que morei 1 ano lá... (Gio).

Embora a aprendizagem de segunda língua, por meio da imersão, esteja entre os fatores para ocorrer as principais transformações de identidade resultantes de intercâmbios, os quais marcam, nesta pesquisa, mais efeitos positivos que negativos, devemos ressaltar que nem sempre o intercâmbio (a imersão em outro país) é a solução mais indicada para se aprender uma língua. Não basta apenas estar em determinado país, para que se possa aprender a língua, mas como se encontra o seu processo de aprendizado, o quanto está se dedicando a aprender determinada língua, onde e com quem está morando, se são falantes nativos, se são falantes da sua língua, com qual grupo o participante tem mais contato e quão predisposto está para aprender determinada língua e, ainda, o quanto tem conhecimento prévio sobre determinada língua, além da necessidade de aprender, de um objetivo pessoal e uma vontade intrínseca.

Além da aprendizagem de segunda língua por meio da imersão ser um tema desta pesquisa, como indícios das possíveis transformações de identidade resultantes de intercâmbios, configura-se também nesse viés a: b) adaptação à nova cultura.

Para os intercambistas, conhecer novas pessoas, ir para um ambiente até então idealizado apenas na mente e, ao chegar, tudo ser diferente, como a começar pela língua,

seguida dos costumes, da comida, dos hábitos e ter que se adaptar a este novo mundo não é tarefa fácil. Esse período de adaptação demanda muito esforço e disposição do intercambista para realizar algumas operações cotidianas complicadas, como se comunicar, relacionar-se com as pessoas do local, alimentar-se, vestir-se, colocar-se como membro daquela nova sociedade, e considero que isso mexe diretamente na identidade da pessoa. Nesse contexto, Plews (2014) nos mostra como essas identidades são construídas ou transformadas estando imersas em outras culturas. Vejamos a fala de João:

... tenho essa ideia de que quando se está num país tem que tentar se incluir o máximo possível... (JoãoR18).

...as coisas que não podia mudar então era melhor adaptar... (JoãoR17).

Ainda nessa vertente, para os participantes, ao participar de um intercâmbio, o indivíduo precisa estar aberto para o novo, estar aberto para experiências novas, aproveitar as oportunidades, ter contato com as pessoas do local. Para Hall (2005), é o sistema de representação cultural que se multiplica e, com isso, somos confrontados por uma multiplicidade de identidades e com cada uma delas nós poderíamos nos identificar, ao menos por determinado período. Como marcado no relato de Luan,

...independente de onde a pessoa vá, ela tem que ter uma cabeça muito aberta para o novo, eu acho que a gente tem nossos estereótipos, a gente tem os preconceitos, mas afinal de contas a vida inteira numa cultura só, a gente aprende o que é certo, o que é errado, mas eu acho que é importante a gente desconstruir todo e qualquer paradigma quando a gente sai do nosso país... (LuanR18).

No relato acima, quando o participante diz que “quando a gente sai do nosso país, a gente tem que aprender muito com o outro”, compreendo que há uma sinalização de transformação de identidade que está atrelada a como o outro o acolhe. Dessa forma, ênfase também é dada a: c) forma de acolhimento e sentimento de pertencimento.

É possível depreender, também, que esse acolhimento inclui o fato de saber que é possível construir relações com as pessoas do local. Abaixo o relato de Luan,

...a gente tem que aprender muito com o outro, enxergar né, colocar uma lente assim, que nos permita enxergar as coisas de uma outra maneira, entender que o nosso jeito de viver é um jeito, mas não é o único e aproveitar o máximo toda e qualquer oportunidade, inclusive os perrengues assim, inclusive as coisas, eu acho que essas experiências negativas né, se assim eu posso chamá-las, elas nos ensinam até muito mais que as boas assim... (LuanR18).

Contudo romper estereótipos, preconceitos, desvincular-se da cultura nacionalista, analisar os fatos por ângulos diferentes, romper paradigmas, aprender com as diferenças, experimentar o novo e, acima de tudo, respeitar as opiniões diferentes, respeitar o outro em sua maneira de ser, saber compreender as pessoas, essa ideia me remete a Plews (2014), ao falar sobre os participantes de estudos no exterior utiliza um termo cunhado por Foucault (1986), a "heterotopia", ou seja, para explicar que tanto as pessoas do local quanto as pessoas que estão imersas podem se ver refletidas e refratadas por novas experiências e, assim, recriar-se, apropriando-se dessas experiências. Dessa forma, o estudo no exterior é apropriado para a experiência e investigação da negociação de identidade.

Destaco, também, que não basta apenas estar no país, é preciso sentir, viver, apreciar, entusiasmar, participar de atividades que o façam se sentir membro ou parte daquele grupo, isso contribui para identidade pessoal.

Nesse contexto, compreendo que se encontram atrelados: a forma de acolhimento e o sentimento de pertencimento como sinalizadores das principais transformações de identidade resultante de intercâmbio.

Além do acolhimento, o que permite a sensação de pertencimento ao intercambista, outra questão que influencia na possível transformação de identidade resultante do intercâmbio e está atrelada também ao acolhimento é a recepção dos membros das organizações e/ou agências que são *host*, ou até mesmo amigos que o acolherão, essa primeira impressão é muito representativa para o sentimento de pertencimento.

Como estamos falando no sentimento de pertencimento, acredito que poder contar com uma pessoa que fala sua língua ou pelo menos compreende passa-nos uma sensação de segurança muito grande, deixando a mente do intercambista livre para aprender outras coisas e até mesmo se aperfeiçoar na língua local ou a que foi destinado a aprender, em vez de se esconder dentro de casa, pois não consegue se comunicar.

Neste excerto abaixo, gostaria de pontuar que foi muito importante a presença dos brasileiros perto de mim, na primeira semana, quando eles foram para outra cidade, senti-me um pouco perdida, mas, por outro lado, foi bom porque o “cordão umbilical” foi cortado e, a partir daí, tive que “caminhar com minhas próprias pernas” e, assim, pude desenvolver o meu inglês e criar meu próprio meio social. Essa vivência me permite concordar com Block (2017) sobre os indivíduos serem moldados por suas histórias sociais, mas também moldarem suas histórias sociais conforme a vida continua.

... para ser bem sincera não entendi quase nada que a Mira (responsável pela ONG) me disse, mas como estava próxima a dois voluntários, com os quais nós fomos, e eles tinham um bom inglês, ficava mais tranquila e eles traduziram qual atividade tínhamos que realizar naquela determinada semana... (Gio).

Ressalto, então, que o país de acolhimento ou a pessoa que o receber precisa ser acessível e, como estamos falando de pessoas, isso não é uma fórmula, mas são características compreendidas que podem amenizar a sensação de insegurança do participante, levando a resultados mais positivos em relação a um intercâmbio e ao sentimento de pertencimento.

Dando sequência aos temas sobre as principais transformações de identidade dos participantes, resultante de intercâmbio, em alguns relatos, também, estão demonstrados os efeitos do intercâmbio para a questão do: d) desenvolvimento profissional.

Ana e eu falamos sobre desenvolvimento no âmbito profissional.

O excerto abaixo é bem esclarecedor marcando o intercâmbio com um determinante da minha carreira profissional. Posicionamento que me permite corroborar, mais uma vez, com o pensamento de Block (2017) sobre os indivíduos serem moldados pelas suas histórias sociais, à medida que a vida prossegue. Essas histórias sociais ou até mesmo as estruturas sociais do dia a dia são reais e podem moldar o que os indivíduos podem e não podem fazer (ou, de fato, ser).

... serviu, principalmente porque eu era muito nova, quando eu fui eu tinha 19 anos, então pra amadurecimento tanto pessoal quanto em aspectos profissionais, por exemplo... (AnaR12).

...a partir da reflexão sobre minha própria história de vida, percebo que para minha vida profissional e acadêmica, a experiência que tive na Eslováquia foi um determinante para a concretização da minha carreira profissional... (Gio).

Com meu objetivo claro de aprender a língua, entrei em um curso de inglês que contribuiu bastante para o meu aprendizado e me deu segurança para lecionar, quando retornei ao Brasil, contribuindo para minha transformação de identidade de aprendiz para uma profissional. Vale ressaltar que a construção da identidade ocorre na companhia de outras pessoas, de várias maneiras, os indivíduos compartilham crenças, motivos, valores, atividades e práticas (BLOCK, 2017). O excerto abaixo demonstra essa interpretação,

...inscrevi-me num curso de inglês de gramática e conversação avançado, que também me ajudou bastante e me deu segurança para lecionar quando retornei ao Brasil... (Gio).

Eu, em contato com outra cultura, com a língua adicional e com a docência, tudo ao mesmo tempo, tive o momento de sensação de objetivo alcançado, pois até então eu não me sentia segura para lecionar uma língua a qual não falava e poder vivenciar outra cultura, uma língua adicional, poder praticar o que havia aprendido na faculdade e lecionar, estando fora do meu país, fez-me perceber que eu era capaz de lecionar com tranquilidade e segurança ao retornar para o Brasil. De acordo com Lima e Pimenta (2013, p. 65), o professor, além de ter os conhecimentos sobre a área, o conteúdo, metodologias e dos recursos tecnológicos, compartilha e socializa seus conhecimentos; para esse educador, é necessária uma visão crítica da sua prática e, para seus objetivos e de seus estudantes, essas funções demanda, para esse professor, a necessidade de se preparar para uma atuação adequada. Como está marcado nos excertos abaixo,

...ter tido contato com outra cultura, com a língua adicional e com a docência, tudo ao mesmo tempo, foi o momento de sensação de objetivo alcançado... (Gio).

...eu tinha um objetivo muito claro, aprender a falar a língua inglesa. Estudei muitos anos aqui no Brasil, mas eu não consegui desenvolver a fala. Pois bem, como eu disse, quando lá cheguei, logo fiz um curso intensivo de inglês e isso me ajudou demais, tanto no sentido de concatenar as ideias quanto de desenvolver a fala e isso me fez sentir muito bem, poder comunicar, expressar-me, isso trouxe liberdade e também sentimento de capacidade, assim me sentia segura para viajar e me comunicar com as pessoas... (Gio).

Dessa forma, finalizo a análise com uma síntese sobre todos os temas da questão número 2 - Quais são as possíveis transformações de identidade decorrentes do intercâmbio segundo as percepções desses participantes?

a) A segunda língua por meio da imersão: o fator da imersão, destacado para uma participante, revela a questão de ouvir a língua grande parte do tempo e também ter que conversar e esse fato foi pra ela um momento de aprimorar a conversação; diferentemente de quando não está em um contexto no qual não se ouve a língua.

A mesma participante marca a imersão como fator primordial, pois, em sua opinião, a imersão força o participante a se comunicar e a questão da prática é uma grande ferramenta de aprendizagem.

Outro participante também revelou que pôde aprender com os outros, de maneira informal, apenas ouvindo e conversando; destaca-se também que fazer amigos incentiva e motiva o outro a aprender a língua para se comunicar de forma mais efetiva; destacamos também os itens como: vontade, objetivo e engajamento a que a pessoa se propõe a ter no aprendizado de segunda língua; porém devemos refletir sobre quem é essa pessoa que se encontra imersa e quanto ela sabe sobre determinada língua, pois aqui estamos falando sobre estudantes com um inglês intermediário; outro fator que devemos levar em consideração é que não basta simplesmente estar inserido em outra cultura, mas o quão vai se dedicar àquela língua.

b) Adaptação à nova cultura: podemos citar a inserção do participante à nova cultura, a própria adaptação ao ambiente e as pessoas que o rodeiam, a abertura para novas informações, pessoas, costumes, experiências, oportunidades e estar aberto a aprender com o outro.

c) Forma de acolhimento e sentimento de pertencimento: a construção das relações com a comunidade local, eliminar certos preconceitos, desvincular um pouco da cultura nacionalista e passar a enxergar a cultura do outro com interessante, analisar os fatos por ângulos diferentes, romper paradigmas, aprender com as diferenças, experimentar o novo e, acima de tudo, respeitar as opiniões diferentes, respeitar o outro em sua maneira de ser, saber compreender as pessoas. Assim, podemos pensar que o acolhimento não acontece apenas por uma das partes e, sim, por ambas se esforçando e respeitando um ao outro, não podemos deixar de mencionar que não basta estar no país, é preciso sentir, viver, apreciar, entusiasmar, participar de atividades que nos faça sentir membro ou parte daquele grupo, isso contribui para identidade pessoal.

O sentimento de pertencimento pelo qual alguém espera no país ajuda na questão da segurança, não somente para quem está partindo, mas para sua família, que se sente confortável, ao pensar que seu filho está seguro; a pessoa com quem vai morar, se ela tenta

ajudar, já sinaliza um grande avanço na questão do pertencimento, pelo menos dentro de casa; a língua que essa pessoa fala, se você a compreende e ambas têm uma boa comunicação, também, reforça o sentimento de pertencimento, passando também uma sensação de segurança; torna-se importante o participante tentar fazer seu próprio ciclo de amigos, fazer atividades com a comunidade, criando seu próprio meio social, assim, desenvolvendo seu próprio sentimento de pertencimento.

d) Desenvolvimento da maturidade pessoal e profissional: Ana e Eu ressaltamos o nosso desenvolvimento profissional, eu fui enfática, ao declarar que a experiência que eu tive foi um determinante, para a concretização da minha carreira profissional e pude ter certeza de que eu iria retornar e atuar como professora de língua inglesa, dessa forma, contribuindo para minha transformação de identidade de aprendiz para uma profissional.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo sobre a transformação da identidade imersa em outro contexto me permitiu olhar para dentro de mim e poder enxergar a minha constituição profissional, além de refletir sobre a minha forma de lecionar e, também, perceber o quanto a prática é significativa na vida profissional de um professor.

A narrativa me fez reviver a base da minha história profissional e perceber que realmente tracei um objetivo que consegui atingir, ou seja, quando propus a mim mesma a fazer o intercâmbio, para aprimorar o meu inglês e, também, aprender novas didáticas, como relatei, senti-me realizada por ter alcançado o objetivo traçado.

Hoje compreendo o que Romero (2010) afirma sobre o objetivo de realizar a narrativa autobiográfica estar voltado ao processo de formação de professor, um processo que vem permeado por uma perspectiva crítico-reflexiva.

Como contribuinte essencial, destaco o referencial teórico lido e, entre vários autores, posso começar com Kumaravadivelu (2006), ao destacar que as mudanças na sociedade e novos contextos emergem e, nesses contextos, predominam os Linguistas Aplicados que não se limitam a suas investigações e buscam meios dentro da sua realidade para evoluir com a educação e exercendo sempre a práxis.

Entre outros, cito agora Hall (2005) que me fez repensar em toda minha vida, como as pessoas me veem e como me vejo. Em especial, pude refletir nas aulas da profa. Tania, como me constituí professora de língua inglesa e, também, sobre os momentos nodais da minha vida tanto pessoal como profissional, assim, remeto a Hall (1998) que enfatiza a identidade dentro de uma constante transformação posta no discurso de cada um que nos permeia.

Ainda sobre Identidade, destaco Block (2017), ao nos explicar sobre como as identidades são definidas, ou seja, nós construímos nossa identidade de forma autoconsciente e em contato com outros indivíduos e, no meio que nos encontramos, pois em contato com as outras pessoas compartilhamos de interesses comuns, dessa forma, representando nossas identidades, por meio de nossas ideologias, gostos, forma de se vestir, atividades entre outras práticas que determinado grupo representa. Assim, de acordo com Hall (2005), somos multifacetados, pois, em cada momento específico, as pessoas nos veem de determinada forma, não somos os mesmos o tempo todo, somos compostos de várias identidades, somos

considerados pós-modernos, não tendo uma identidade fixa, ou seja, nossa identidade é modificada a cada momento dentro de cada contexto.

Essa explicação de Block (2017) e Hall (2005) nos faz compreender sobre a identidade docente e em muitos casos até mesmo a crise identitária de muitos professores, pois, como verificamos desde o início dos primeiros sistemas escolares, inúmeros fatores como movimentos políticos, econômicos e sociais afetam diretamente o ser docente desde o ápice de sua carreira até a desvalorização dessa profissão.

A esse quesito sobre valorização e desvalorização não foi dado foco nesta dissertação, mas considero pertinente outros autores estudarem a questão da crise identitária do professor.

Neste agrupar das identidades, torna-se necessário comentar as identidades dos professores de línguas adicionais que Block (2017) define como: os indivíduos se autoposicionam e são posicionados por outras pessoas. Com esse relato de Block, podemos entender como os professores têm uma representação essencial no ensinar e o quão seus estudantes assimilam aquilo, a partir disso, pode se tornarem motivados a se transformarem em futuros professores. Mas, devemos pensar não apenas em nossos professores e como eles nos atingiram e, sim, em todas as pessoas envolvidas com o ensino e com as tarefas que nos envolveram.

Complementando a ideia acima, Stein (2013) afirma que a existência de muitas vozes colabora para a formação de traços identitários do professor de línguas, ou seja, além dos nossos professores, por meio de livros, a instituição em que estudou, toda a sociedade à sua volta, família, colegas de trabalho e todo seu círculo tanto social quanto profissional e, ainda, de acordo com o mesmo autor, a visão sobre si mesmo e a visão que os outros têm deste profissional.

Assim, para Block (2017, p. 33), ser professor de línguas é um processo contínuo e narrado, que agrupa experiências tanto do passado quanto do presente e até mesmo as experiências antecipadas do futuro.

Para concluir a ideia sobre Identidade, não posso deixar de destacar o foco desta dissertação que é o intercâmbio e quais os seus efeitos na identidade dos indivíduos participantes.

O estar em outra cultura não é algo simples, depende de vários fatores para que esse período se torne algo agradável.

Por exemplo, ao entrar na faculdade e já ter contato com línguas, senti que precisava de algo a mais, de conhecer melhor não só a língua, mas a cultura que a permeia. Embora meu foco tenha sido a língua inglesa, infelizmente, ainda não pude estar em um país cuja primeira língua fosse o inglês.

Mas aqui me propus a investigar sobre o intercâmbio em outra cultura e como me senti estando imersa. Acredito que, por mais que saibamos sobre determinado país, estar inserido é muito diferente. Por exemplo, a questão da língua tornou-se um desafio, por eu ter tido pouca aproximação com o Eslovaco.

Sobre o ambiente em que a pessoa ficará, eu tive sorte, fiquei em um apartamento bem no centro, todo mobiliado, mas isso não aconteceu com meus amigos que acabaram morando afastados do centro.

Depois o fator principal, no meu entendimento, foi o meio social, como criar vínculo. Eu estava aberta para novas amizades, logo me engajei em inúmeras atividades na ONG, assim pude conhecer várias pessoas e fazer bons amigos.

Gostaria de relatar que estar no exterior depende muito do quanto a pessoa está disposta a se envolver com aquela cultura, com os costumes e interagir com a sociedade. Mas devo ressaltar que eu era uma voluntária, sinto que a minha identidade, na visão deles, era que fui para ajudar, para agregar no conhecimento deles e, por isso, acredito que consiga relatar coisas mais positivas que negativas.

Considero importante, para quem for fazer um intercâmbio, que seja estimulada a reflexão sobre si, a leitura sobre o país em que ficará imerso e como ele é constituído culturalmente. Assim, destaco a ideia de Plews (2014) que defende que os participantes de um programa de imersão devem adquirir e ser encorajados a refletir sobre o seu novo contexto, sobre a linguagem, em negociar seus conhecimentos de forma ativa e reposicionar a percepção de si mesmo, para que assim esses indivíduos possam transmitir e compreender de forma efetiva as mensagens que recebem e que também repassam.

Ainda cabe ressaltar, concordando com Wilkinson (1998), que há inúmeras variações da experiência, ao se realizar um intercâmbio e, raramente, é possível descrever com precisão essa bagagem, a qualidade e a dimensão do contato social e da interação linguística realizada.

O estudo realizado, no decorrer do mestrado e a construção desta dissertação, permitiram-me olhar para o meu próprio desenvolvimento profissional além de minha

ressignificação identitária. Realizar este trabalho me fez refletir sobre minha própria experiência, a experiência de outros professores ex-intercambistas e, também, sobre transformações de identidade como efeito de intercâmbios.

Após a análise e discussão de base interpretativa, foi possível sintetizar as respostas das perguntas que guiaram esta investigação, levando assim às seguintes considerações.

Pergunta 1 - Quais são os efeitos dos intercâmbios internacionais que podem ter influenciado os participantes a se tornarem professores de Língua Inglesa?

Os excertos me permitiram interpretar que os participantes não imaginavam tornarem-se professores até participarem de um intercâmbio e terem a oportunidade de lecionar, e a motivação só ocorreu a partir da oportunidade de estar inserido em outra cultura e em contato direto com a docência.

Além dessa interpretação, é possível destacar também que: houve uma mudança de percepção do intercambista sobre si mesmo considerando a docência como carreira; e foram inúmeras aprendizagens ligadas à prática docente; pôde observar também novas metodologias de ensino e ainda refletir sobre a própria prática.

Para tanto, podemos observar quão significativo o intercâmbio pode ser, em se tratando de programas que deem oportunidades de trabalho ou mesmo voluntariado, gerando uma experiência ímpar da prática, tanto para pessoas que nunca estiveram em um ambiente acadêmico como para aqueles que queiram aprimorar seus conhecimentos.

Devemos ressaltar que nem sempre as pessoas vão predestinadas a fazerem determinadas funções, mas, ao se encontrarem em um ambiente propício, elas se encorajam, motivam e ressignificam suas identidades. Porém, como nos referimos a seres humanos, não podemos afirmar todas as questões pela ampla subjetividade do sujeito.

Pergunta 2 - Quais são as possíveis transformações de identidade decorrentes do intercâmbio segundo as percepções desses participantes?

Por ser tratar de pessoas, salientamos que as experiências estão permeadas por sensações e emoções e, assim, não foi possível pormenorizar as principais transformações de identidade, mas sinalizamos pontos significativos das transformações de identidade, sendo: a aprendizagem de segunda língua por meio da imersão; adaptação à nova cultura; a forma de acolhimento e o sentimento de pertencimento; e o desenvolvimento da maturidade pessoal e profissional.

Dessa forma, é possível perceber indícios de transformação identitária, nos sujeitos participantes de intercâmbios internacionais, marcados, por exemplo, com seus relatos, como ao voltarem para seu país de origem e se enxergarem de outra forma, no caso desta pesquisa, não mais um aluno e, sim, um profissional, um falante da língua.

Para pesquisas futuras, sugiro que os pesquisadores voltem seus olhares também para uma questão relacionada à idade cronológica dos participantes relacionados aos efeitos identitários, pois essa não foi uma questão para esta investigação, porém me chamou a atenção as causas e consequências do intercâmbio as quais foram muito similares para os 3 intercambistas cujas as idades são iguais (no período de intercâmbio, aos 18 anos). Outras questões relevantes observadas no momento da análise e que não abarcam o objetivo desta pesquisa se referem à: didática, marcada pelo relato de um dos participantes ao declarar que percebeu que era possível ensinar a língua inglesa falando só em inglês, algo muito distante para ele até então; a cultura, vista como fator influente no aprendizado de segunda língua, sendo destacada na fala de um dos participantes ao revelar que “estar lá fora” foi um momento propulsor para que ele percebesse com a cultura de outros países interfere no aprendizado de uma língua adicional.

Com essas possibilidades para pesquisas futuras, entendo que a temática identidade ainda necessita ser amplamente discutida, uma vez que, nesta investigação, foi sinalizado que acontecem ressignificações ao longo das jornadas e vivências de cada indivíduo em sua particularidade.

REFERÊNCIAS

- ALVES-MAZZOTTI, A. J. Usos e abusos dos estudos de caso. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 129, p. 637-651, set./dez. 2006.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004. 223 p.
- BLOCK, D. Second language identities. In: PLEWS, J. L. **Intercultural identity-alignment in foreign language study abroad, or the more-or-less Canadians**. Halifax: Saint Mary's University, 2014.
- BLOCK, D. **Reflections on language teacher identity research**. New York: Taylor & Francis, 2017. p. 31.
- BLOCK, D. **Second language identities**. London: Continuum, 2007.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador**. São Paulo: Parábola, 2008.
- BRUNER, J. **Acts of meaning**. Cambridge: Harvard University, 1990.
- BRUNER, J. **Atos de significação**. 2. ed. Tradução Sandra Costa. São Paulo: Artmed, 2002.
- BRUNER, J. **Making stories: law, literature, life**. Cambridge: Harvard University, 2002.
- FERNANDES, L. R. O papel do linguista aplicado na área de ensino e aprendizagem de segunda língua ou língua estrangeira. **Revista de Letras**, Goiânia, v. 1, n. 1, p. 112-111, jan./jun. 2012.
- FOUCAULT, M. Of other spaces. **Diacritics**, Baltimore, v. 16, n. 1, p. 22-27, 1986.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro: Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- KUMARAVADIVELU, B. **Understanding language teaching: from method to postmethod**. Mahwah: L. Erlbaum, 2006.
- LIMA, M. S. L.; PIMENTA, S. G. **Estágio e docência**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção docência em formação. – Série saberes pedagógicos).

LUDKE, M.; ANDRE, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MAGALHÃES, M. C. C. A importância da narrativa no processo de formação de professores. In: ROMERO, T. R. S. **Autobiografias na (re)construção de identidades de professores de línguas: o olhar crítico-reflexivo**. Campinas: Pontes, 2010. p. 24. (Coleção Novas Perspectivas em Linguística Aplicada).

MELLO, D. M. Pesquisa narrativa: fenômeno estudado e método de pesquisa. In: ROMERO, T. R. S. **Autobiografias na (re)construção de identidades de professores de línguas: o olhar crítico-reflexivo**. Campinas: Pontes, 2010. p. 185-186. (Coleção Novas Perspectivas em Linguística Aplicada).

MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Revista Ciência & Educação**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 191-211. 2003.

OLIVEIRA, M. B. F. **Considerações em torno da lingüística aplicada e do ensino da língua materna**. 2009. Disponível em: <<http://periodicos.ufm.br/odisseia/article/viewFile/2049/1483>>. Acesso em: 21 mar. 2016.

OLIVEIRA, M. E.; STOLTZ, T. Teatro na escola: considerações a partir de Vygotsky. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 36, p. 77-93, 2010.

PAIVA, V. L. M. O. A pesquisa narrativa: uma introdução. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 261-263, 2008.

PLEWS, J. L. **Intercultural identity-alignment in foreign language study abroad, or the more-or-less Canadians**. Halifax: Saint Mary's University, 2014.

ROMERO, T. R. S. **Autobiografias de professores de inglês: o entretecer de memória e narrativa na constituição da identidade profissional**. Campinas: Mercado de Letras, 2010. v. 1, p. 141-172.

ROMERO, T. R. S. **Autobiografias na (re)construção de identidades de professores de línguas: o olhar crítico-reflexivo**. Campinas: Pontes, 2010. 348 p. (Coleção Novas Perspectivas em Linguística Aplicada).

SOUZA, E. C. Profissionalização, fabricação de identidade e trabalho docente: alguns apontamentos teóricos. In: FERREIRA, M. C. F. D.; REICHMANN, C. L.; ROMERO, T. R. S. **Construções identitárias de professores de línguas**. Campinas: Pontes, 2016.

STEIN, A. Aspectos da identidade do professor de língua estrangeira nos PCN. **Revista Eletrônica Pro-docência/UEL**, Londrina, v. 1, n. 3, p. 1-15, jan./jun. 2013.

UYENO, E. Y. Da autonarração à escrita acadêmica: a constituição da subjetividade do aluno de cursos de especialização. 2007. In: ROMERO, T. R. S. **Autobiografias de professores de inglês: o entretecer de memória e narrativa na constituição da identidade profissional**. Campinas: Mercado de Letras, 2010a. v. 1, p. 141-172.

VASCONCELOS, M. C. C. Um estudo sobre a gênese da profissão docente. **Revista Poiésis**, Tubarão, v. 2, n. 2, p. 57-72, jan./dez. 2004.

W I L K I N S O N, S. **On the nature of immersion during study abroad**: some participant perspectives. 1998. Disponível em: <<https://frontiersjournal.org/wp-content/uploads/2015/09/WILKINSON-FrontiersIV-OntheNatureofImmersionDuringStudyAbroad.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2017.

WOLCOTT, H. F. **Writing up qualitative research**. London: Sage, 1990.

APÊNDICE

QUESTÕES APLICADAS AOS PROFESSORES INTERCAMBISTAS

- 1- Qual o seu nome?
- 2- Qual a sua nacionalidade?
- 3- Qual a sua formação?
- 4- Qual a língua adicional você leciona?
- 5- Quanto tempo você leciona?
- 6- Onde você leciona?
- 7- Você se reconhece como professor(a)?
- 8- Alguém te motivou a ser professor(a)?
- 9- O fato de estar inserido em outra cultura (país) despertou em você o interesse de lecionar uma língua adicional?
- 10- Por que você escolheu aquele país?
- 11- O que você achou mais interessante de sua experiência no exterior?
- 12- Você acha que sua experiência no exterior lhe modificou de alguma forma? Em quê?
- 13- Que aspectos de sua experiência no exterior você traz para sua prática como professor?
- 14- Sua concepção de ensino-aprendizagem de língua se modificou? Como?
- 15- O que foi mais difícil/mais fácil para você aprender na língua-alvo?
- 16- Como você lidou com as dificuldades linguísticas?
- 17- E com as dificuldades culturais?
- 18- O que você aconselharia a quem vai passar algum tempo (fazendo intercâmbio) naquele determinado país?
- 19- Você recomendaria alguém a fazer intercâmbio no exterior? Por quê?

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTADO 1

1- Qual o seu nome?

Luan

2- Qual a sua nacionalidade?

Brasileiro

3- Qual a sua formação?

Então, na verdade formação assim de graduação, ainda nenhuma, eu sou estudante de psicologia e já fui acadêmico de Letras, mais assim, não conclui o curso.

4- Qual a língua adicional você leciona?

Inglês

5- Quanto tempo você leciona?

9 anos

6- Onde você leciona?

Atualmente, numa escola de línguas, chama-se CNA.

7- Você se reconhece como professor(a)?

Com certeza, me reconheço como professor, assim é, eu não tenho a formação teórica, de graduação, ou seja, eu não sou licenciado como professor, mas é, eu já trabalho com ensino há algum tempo assim, muito devido ao intercâmbio que eu fiz, na verdade, né, graças ao intercâmbio que eu comecei a dar aula de inglês assim, então com certeza me reconheço.

8- Alguém te motivou a ser professor(a)?

Na verdade eu nunca tinha imaginado que um dia seria um professor de inglês, assim, na verdade eu nunca pensei que um dia eu falaria inglês na minha vida, porque, eu terminei o ensino médio, a escola regular sem saber a língua e eu fui aprender meio que na pressão assim, um pouco de forçado para que eu pudesse fazer o intercâmbio que eu fiz no ano de 2007, porque o requisito para participar era eu falar inglês, então na verdade eu aprendi a língua para poder fazer o intercâmbio e chegando lá umas das tarefas que eu tinha era ensinar a minha língua, então eu tinha que ensinar português pra eles, só que aí eu percebi que eu gostei muito de fazer isso, de ensinar a língua, e aí surgiram algumas oportunidades e eu comecei a dar aulas também de inglês lá, então a minha primeira experiência como professor de inglês, foi ensinar inglês para estrangeiro, pra falantes de outras línguas, nem foi para brasileiros, e aí quando eu voltei para o Brasil eu continuei e não parei mais.

9- O fato de estar inserido em outra cultura (país) despertou em você o interesse de lecionar uma língua adicional?

Com certeza, com certeza, antes de eu viajar eu tinha muito aquele preconceito em relação as escolas de inglês, principalmente porque o meu processo de aprendizagem da língua ele foi assim, foi um processo rápido né, eu tinha pouco tempo para poder falar inglês, mais precisamente eu tive cerca de 7 meses, pra poder pelo menos pegar a manha pra falar e tal, e eu vi os cursos aqui do Brasil que duravam e ainda duram a maioria deles cerca de 4 a 5 anos, e eu tinha um certo preconceito, assim eu né ía, eu ainda bato um pouco nesta tecla, acho que tempo não é, não diz tudo sobre aprender a língua, acho que é possível a pessoa aprender a falar em menos tempo, assim existem diferentes metodologias claro, mas o estar lá fora me deu esse empurrão porque eu percebi como a cultura de outros países assim ela realmente influência no desejo que as pessoas tem em aprender uma segunda língua, assim, eu via aqui pra nós no Brasil - que parece que estar engatinhando nesta questão de falar inglês, parece que é uma realidade muito longe pra nós, parece que agente não vai precisar usar o inglês no nosso dia a dia assim com muita facilidade um país que é muito grande, o acesso a outros países pra nós aqui não é tão fácil

e quando é, os países mais próximos da gente da América do Sul não falam inglês, então teoricamente pra gente seria mais vantagem falar espanhol do que falar inglês, e lá a coisa é um pouco diferente né pq os países são pequenos e cada um com sua língua e pra haver interação entre os países que é muito comum seja pra uma pessoa ir pra fora pra estudar ou mesmo para trabalhar, eles tem que entrar num consenso em falar uma língua incomum e essa língua é o Inglês, e eu acho que vai continuar sendo por muito tempo, ou seja, pra eles aprenderem inglês é coisa mais natural – o inglês que eles aprendem na escola por exemplo é muito diferente do que nós aprendemos aqui, e a gente basicamente tem aquele professor que vai passar a regra gramatical e vai pedir pra gente traduzir texto e a gente sai sem saber falar, na maioria das vezes, não é todos os casos, por isso que a gente tem os cursos de inglês, eu vi que os adolescentes no ensino fundamental assim eles já tinham aulas de inglês em inglês apenas, então em algumas vezes até com professores nativos que não falavam a língua deles, então quer dizer é bem diferente e isso me motivou bastante pra falar a verdade, eu cheguei no Brasil me decepcionei, assim pq aí eu fui tentar, eu achei que aquela realidade de lá seria possível aqui e aí eu comecei a dar aula em algumas escolas em Lavras e eu vi que não era tão assim, na realidade era bem diferente mesmo, mas com certeza me influenciou bastante.

10- Por que você escolheu aquele país?

Eu fui para Eslováquia. Fiquei 1 ano lá, mas na verdade eu não escolhi o país, esse intercâmbio ele é fruto de uma parceria entre um centro (aí da cidade de Lavras) que trabalha com crianças né que tem algumas habilidades, potencial e tal, então esse centro fez essa parceria com a União Europeia e eles me ofereceram esse intercâmbio que chama Serviço Voluntário Europeu em que agente ganhava uma bolsa para viver um ano fora e o objetivo assim principal desse intercâmbio era a troca de cultura mesmo, assim, então, foi me oferecida essa bolsa e eu não tinha escolha, o país já estava definido assim, por causa desse acordo entre o centro educacional de Lavras e União Europeia e eu vi que era uma boa oportunidade e fui.

11- O que você achou mais interessante de sua experiência no exterior?

Mais interessante? Tudo é muito interessante né assim, mas, eu acho que a maneira que as pessoas lá fora levam a vida, é bem diferente do nosso, não estou nem dizendo que é melhor ou pior, né agente tem o nosso jeito de ser assim, eu acho que é válido também, mas em muitos aspectos eu sinto que as pessoas lá fora elas levam as responsabilidades que elas têm do dia a dia mais a sério, assim os compromissos mais a sério, então, o exemplo era esse mesmo da educação, por exemplo, eu via um modelo educacional bem diferente do nosso assim, além de estar em contato com pessoas da minha idade, uma mentalidade muito diferente da nossa, eu acho que eu aprendi muito com eles, também pude ensinar muita coisa da nossa cultura, e o brasileiro ele tem seus problemas, mas ele tem suas qualidades também, tem muito da nossa cultura pra levar pra eles assim, mas foi tudo muito legal, não teve nenhum aspecto assim negativo, eu acho, só a distância assim da família, dos amigos, mas isso é uma coisa que passa assim, passa rápido.

12- Você acha que sua experiência no exterior lhe modificou de alguma forma? Em quê?

Com certeza modificou sim. Eu viajei muito novo assim, sai de casa, quando eu fiz intercâmbio eu tinha 18 anos e eu nunca tinha ficado fora de casa mais de 2 meses e aí quando eu vi eu já ia ficar 1 ano fora em outro país né, então quer dizer eu tive que, eu tive responsabilidades muito grande assim, eu sabia que era um compromisso que eu estava afirmando que eu não poderia voltar atrás, então né, eu realmente cresci muito esse ano que eu fiquei lá fora como pessoa, nem tanto como profissional até porque quando eu fui pra lá eu não tinha uma profissão, eu não tinha nenhuma, eu não trabalhava, na verdade eu descobri muitas coisas sobre mim mesmo lá fora, algumas habilidades, alguns talentos, percebi que dar aulas era uma coisa que eu gostava muito e eu acho que se eu não tivesse ido pra fora eu não teria enfim revelado isso de mim mesmo assim.

13- Que aspectos de sua experiência no exterior você traz para sua prática como professor?

Pois é, então, assim, a minha tarefa de dar aulas de inglês pra pessoas que não falavam a minha língua, né, ou seja, dar aulas de inglês pra não brasileiros foi de certa forma um

desafio muito grande, por que eu ainda não dominava muito bem a língua deles, que era o eslovaco, então eu tinha em mente que eu tinha que ensinar inglês em inglês, né, e era uma coisa que pra mim eu não vivi isso aqui no Brasil, a não ser no momento eu que eu tive as aulas com uma professora particular, quando eu tive que aprender falar inglês. O inglês que a gente aprende na escola aqui ele é bem diferente, o inglês assim, na maior parte das vezes na base da tradução, só mesmo regras gramaticais, enfim, então assim, quando eu percebi que era possível ensinar inglês em inglês para pessoas de uma outra cultura, eu quis trazer isso pra cá, inclusive quando eu voltei eu logo procurei trabalhar em alguma escola que utilizasse essa metodologia de não usar português em sala de aula, porque eu já sabia que isso era possível, foi uma experiência que eu tinha passado e eu acreditava nela. E é uma coisa que eu levo com certeza pra minha vida até hoje, eu já passei por algumas escolas de inglês, eu já dei aulas particulares, eu já tive a minha escola também, e em todos esses diferentes ambientes que eu trabalhei eu presei por isso, em não me basear na tradução pra ensinar inglês e eu percebi que foi motivante tanto pra mim quanto para o aluno que estava aprendendo.

14- Sua concepção de ensino-aprendizagem de língua se modificou? Como?

Ao ensinar inglês, o inglês não estava desconexo a aprender uma cultura diferente, um modo de vida diferente mesmo assim, acho impossível a gente ensinar inglês sem ensinar a cultura, seja ela qual for, não precisa ser necessariamente a cultura americana, até porque hoje a gente já venceu essa barreira de dizer que o inglês é dos americanos, acho que eles não são donos de nada assim, eu acho que inglês tá aí, no mundo e é uma língua que é feita pelos falantes, então isso é muito interessante também.

15- O que foi mais difícil/mais fácil para você aprender na língua-alvo?

Hummm, então, é, eu não sei assim, quando eu tive as minhas aulas de inglês, né foi um processo assim, eu tive pouco tempo para aprender assim, então eu procurei uma professora particular, eu meio que vivi grande parte da minha vida em torno do inglês, então eu não me limitava somente as aulas, né assim, então eu assistia muito filme, eu não entendia nada, mas eu assistia assim mesmo, lia as páginas na internet e também não entendia, mas eu lia assim mesmo, então eu fui muito persistente né, então eu acho que até

consegui reduzi o meu tempo de aprendizagem por conta disso assim, realmente eu abandonei tudo o que eu fazia na época pra ver o inglês, eu sempre tive facilidade com língua, apesar de não saber inglês antes assim, o português era uma matéria meio que eu gostava assim lá na escola, então eu tive um pouco de facilidade pra assimilar as regras gramaticais inclusive o inglês me ajudou bastante a entender as regras do português, assim tinha coisas que no português assim não tava muito claras pra mim e eu aprendi o inglês porque eu acho que é uma gramática não mais fácil, mas eu acho que mais objetiva assim, então a questão gramatical da língua eu não tive muito problema não, um aspecto do inglês assim que eu acho um desafio maior são as expressões que eles têm que a gente não tem, os *phrasal verbs*, por exemplo, é uma quantidade muito grande, é um tipo de coisa que não dá muito para aprender na base da tradução, porque muitas das expressões, elas não têm o significado literal, então assim, eu acho que isso exige um contato com a língua e a gente vê que os nativos usam muito dessas expressões, então pra mim a dificuldade é o repertório, é aumentar esse meu repertório de expressões da língua assim.

16- Como você lidou com as dificuldades linguísticas?

Então na verdade assim, eu não fui pra um país que falava inglês como primeira língua, mas eu fui pra um país onde as pessoas falam inglês, quase todas as pessoas né, e então na verdade eu acho que eu pude aprender muito sobre a língua com os outros, na informalidade na verdade, então eu acho que o contato direto com falantes de inglês mesmo que não nativos ele facilitou muito esse processo pra mim assim, eu não tive, eu não considero que eu tive grandes dificuldades, assim com o inglês, e as barreiras linguísticas, as minhas limitações em relação a língua, elas foram superadas né, como um processo assim, por conta desse contato que eu tive com pessoas que falavam inglês lá, então eu era meio que forçado a falar inglês grande parte do meu dia, se não o dia todo assim né, e aí eu considero que com certeza o inglês que eu fui não é o inglês que eu voltei assim, eu não fui pra lá pra fazer um curso de inglês, mas eu voltei pra cá com habilidade muito maior em relação a língua por conta desse contato que eu preso muito assim, e sempre né, falo para os meus alunos que é necessário sim, independente se agente está só aqui no Brasil, ter contato com a língua é fundamental.

17- E com as dificuldades culturais?

Então, as dificuldades culturais elas foram pra mim piores que as dificuldades com a língua assim, eu tive inicialmente, como eu ainda não dominava a língua deles, o eslovaco, portanto eu utilizava do inglês quando eu podia, mas nem sempre era possível, as vezes se eu ía no supermercado, numa loja assim, as vezes encontrava com pessoas que não falavam inglês, eu tive que me virar um pouco assim, mas agente também estava sempre em contato com pessoas de lá assim né, eles sempre nos recebiam bem e nos acompanhavam nesse processo inicial também, são pessoas que, não sei o brasileiro tem muito disso assim, de estar sempre muito junto, enfim de ser muito amigável um com outro e lá eu senti uma frieza mesmo, que é aquela frieza típica que agente fala, que o povo de lá tem e tem um pouco mesmo, mas assim o que não quer dizer que eles não sejam amigos, que eles não sejam, acho que na verdade a frieza deles é muito mais uma questão assim, de confiança do que de fato não gostar de se relacionar com outras pessoas, eu acho que eles gostam sim de se relacionar, tanto é que depois de um tempo que eles pegam confiança em você, mas depois de criada eu acho que são pessoas muito amigáveis, gentis assim, muito dispostas a ajudar sempre e pessoas que levam muito a sério o que dizem, assim acho que isso é uma questão interessante, o brasileiro tem muito daquela, uma coisa que eu nunca me esqueço assim, a gente tem muito daquela assim, ahhh quanto tempo, vamos combinar qualquer coisa aí, e fica no vamu combinar qualquer coisa, nunca mais vê a pessoa, e eles não vamos combinar alguma coisa? – vamos. Sábado? – Sábado. 14h? – certo. Me passa seu endereço que eu vou. E vai. E vai mesmo. Então, é muito legal isso assim, eu achava muito bacana isso deles, são pessoas muito compromissadas com o que dizem, com o que dizem mesmo assim, são, não enrolam mesmo o outro assim, sabe?, se dizem que querem ir eles vão e tem também uma facilidade de dizer não muito grande que pra mim é uma coisa muito difícil, assim, não eu não quero ir, obrigado, se divirta-se, então vai. Não são apegados, acho que a gente tem um pouco disso de ser apegado ao outro, então só vou se você for, eu só faço isso se o outro fizer também, são pessoas mais despojadas, eu acho assim, geral, estou generalizando é claro. E assim é, uma coisa bacana assim, agente tem o nosso jeito de sempre querer burlar as regras, dar um jeitinho aqui, dar um jeitinho ali, não respeitar as

leis, são coisas pequenas do dia a dia, a corrupção de todo dia né, que a gente sempre faz, em alguma atitude ou outra assim, que eles não tem muito disso não, na verdade eu acho que eles são pessoas mais certinhas, assim vamos dizer; uma vez eu tenho uma experiência engraçada assim, triste mais engraçada, lá na Eslováquia o sistema de ônibus, era assim, não tinha cobrador e aí você comprava os *tickets*, kkkkkk, então lá você comprava *tickets* por pontos que você andava, então se você andava 5 pontos você comprava um *ticket*, se andava até 10 comprava um pouco mais caro, e aí da minha casa até o lugar onde eu trabalhava eram, sei lá 9 pontos né, ou 8 pontos não sei, e aí teoricamente eu tinha que comprar o *ticket* devido, e de vez em quando entrava o fiscal no ônibus com uma maquininha e ía pegando o *ticket*, na verdade se agente quisesse chegar ao extremo, arriscar agente podia andar sem pagar, era entrar no ônibus e sentar né, e eu tive o azar de um dia estar com o *ticket* reduzido e a pessoa, o fiscal veio falando eslovaco comigo e eu como um bom brasileiro dei de bobo, fingi que não entendi muito bem o que estava falando, entreguei o *ticket* pra ela, ela passou na máquina e me devolveu, fiquei muito feliz na hora, porque falei assim, nó, feliz mais já decidido a nunca mais na vida fazer aquilo, me devolveu, falei nó, passou, quando vê, a pessoa me pediu de novo o *ticket*, aí eu dei, aí ela virou e começou a falar eslovaco comigo, falou assim, esse *ticket* seu aqui você não pode estar andando não, ele já, ele é para, enfim, você já expirou ele, você tinha que ter um *ticket* que te permitia, aí eu fiquei naquela de ahhh eu não estou entendendo muito bem o que você está falando, tanto é que uma pessoa do lado falou assim, coitado ele não é daqui, ele não está entendendo, aí a fiscal não está entendendo mas soube comprar um *ticket* direitinho kkkkk, enfim, resultado, elas foram gentis comigo, mas com muita delicadeza me tiraram do ônibus e eu tava muito próximo do trabalho assim já, eram duas mulheres, saíram comigo do ônibus e me explicaram com muita gentileza, um sorriso no rosto e falou assim: então agora você tem que pagar essa multa aqui, me ferrei e aprendi, kkkk, então assim nunca faça isso, compre o *ticket* certo, faça as coisas certa, que eles vão atrás mesmo assim.

18- O que você aconselharia a quem vai passar algum tempo (fazendo intercâmbio) naquele determinado país?

Kkk Bom, na Eslováquia compre o *ticket* certo, kkkk. Eu acho que assim, independente de onde a pessoa vá, ela tem que ter uma cabeça muito aberta para o novo, eu acho que a gente tem nossos estereótipos, a gente tem os preconceitos, mas afinal de contas a vida inteira numa cultura só, a gente aprende o que é certo, o que é errado, mas eu acho que é importante a gente desconstruir todo e qualquer paradigma quando a gente sai do nosso país, a gente tem que aprender muito com o outro, enxergar né, colocar uma lente assim, que nos permita enxergar as coisas de uma outra maneira, entender que o nosso jeito de viver é um jeito, mas não é o único e aproveitar o máximo toda e qualquer oportunidade, inclusive os perrengues assim, inclusive as coisas, eu acho que essas experiências negativas né, se assim eu posso chamá-las, elas nos ensinam até muito mais que as boas assim, isso é um clichê, mas é uma verdade, eu acho que é isso, a pessoa estar sempre aberta para o novo, que ela com certeza vai voltar pra cá uma nova pessoa.

19- Você recomendaria alguém a fazer intercâmbio no exterior? Por quê?

Com certeza. Eu acho que, baseando no intercâmbio, ele chega ser até assim até mais importante pra vida pessoa do que ela de fato, sai da escola, entrar na faculdade, arrumar um emprego, fazer aquela trajetória de vida assim, comum pra maioria das pessoas, sai da escola vai para faculdade, forma, arruma um emprego, casa, enfim, eu acho que antes de qualquer coisa, saia, saia do seu país, vá viver essa experiência mesmo, é aprendizado o tempo todo, só que assim, a pessoa, ela tem que estar de novo, aberta a esse novo, acho que não é o fato de pegar o avião e sai daqui e passar um tempo lá e voltar que você vai naturalmente voltar pra cá uma nova pessoa, acho que, eu conheço pessoas que já fizeram intercâmbio e que voltaram pra cá exatamente a mesma pessoa porque não estava aberta a esse novo, porque não quis de fato viver essa nova cultura lá fora né, mas, eu acho que independente de onde você vai e quanto tempo você fique tem uma experiência muito rica.

ENTREVISTADO 2**1- Qual o seu nome?**

João

2- Qual a sua nacionalidade?

Brasileiro

3- Qual a sua formação?

Eu sou formado em Licenciatura em Inglês pela UFMG

4- Qual a língua adicional você leciona?

Língua Inglesa

5- Quanto tempo você leciona?

Eu leciono agora há (deixa eu ver) de experiência 11 anos, oficialmente há 8 anos

6- Onde você leciona?

Eu trabalho numa escola de inglês, num instituto que chama Cultura Inglesa

7- Você se reconhece como professor(a)?

Sim. Sim como um professor

8- Alguém te motivou a ser professor(a)?

Eu acho que não exatamente, porque eu comecei muito cedo dando aula em uma ONG como voluntário e acabou que eu gostei da profissão, da carreira, da ideia e depois fiz graduação por isso, então é mais uma coisa da vontade de começar a ensinar e tipo uma coisa leva a outra, foi bem natural, não foi ninguém que motivou não.

9- O fato de estar inserido em outra cultura (país) despertou em você o interesse de lecionar uma língua adicional?

Bem, vamos por etapas. Eu passei dois períodos fora o Brasil, a primeira vez fui para Eslováquia em 2007, eu fui já como professor de inglês, na verdade eu era voluntário na época, e deixa eu lembrar aqui, lá que realmente eu lecionei, comecei a dar aulas, porque antes eu gostava de dar aulas, mas era tipo um hobby pra mim, lá que eu consegui enxergar como uma carreira, essa questão de trabalhar com a língua em outro país com falantes de outro idioma me motivou bastante para começar a enxergar a necessidade e ter mais vontade de trabalhar com isso, porque eu senti que a língua deixou de ser apenas uma coisa distante de mim, mas um meio de comunicação, então passou a ser também e me identifiquei bastante nesse período não apenas como um professor da língua, mas como um falante da língua, foi um período que marcou muito a minha vida, antes eu me considerava um professor de inglês no Brasil, mas lá comecei a me enxergar como professor de inglês e falante da língua. A segunda vez, minha segunda experiência já foi na Inglaterra, que eu fiz um trabalho com os professores lá e lá também eu já trabalhava como professor, eu já estava com uma carreira mais desenvolvida

10- Por que você escolheu aquele país?

Bem, a Eslováquia foi uma oferta que me fizeram na época, porque eu estava dando aula nessa ONG e me chamaram pra fazer um trabalho através deles eu aceitei a proposta, fiz a seleção e passei, foi mais uma questão de oportunidade, eu tinha 18 anos, surgiu a proposta e pensei tirar um ano antes da faculdade e peguei e fui viajar um pouco e trabalhar lá, então foi mais uma oportunidade mesmo, quando eu cheguei lá que surgiu essa questão do que eu poderia ensinar, então como eu já dava aula de inglês, então como eu já dava aula de inglês, o inglês caiu de paraquedas pra mim.

11- O que você achou mais interessante de sua experiência no exterior?

Ahh, vou responder em duas partes, no geral e nessa questão de ensino. No geral: Eu acho que o desenvolvimento que eu tive foi na questão da maturidade mesmo, porque eu era muito novo, eu tive que viajar muito e explorar muitos lugares em pouco tempo, então

é uma questão de de, é porque hoje em dia eu viajo muito sozinho e eu percebi que eu aprendi por causa da experiência em especial, como eu estava muito longe, num país que não falava minha língua, aí quando você começa a viajar e acha qualquer lugar mais perto você acha muito mais fácil, hoje em dia eu viajo sem problema algum, sem me preocupar com muitas direções e a carreira de ensino que me motivou muito, o que eu mais gostei da experiência foi que eu acho que dar aula em um outro país me forçou a trabalhar no ensino da língua usando apenas a língua, eu não tinha o português para me apoiar, então eu tive que fazer as minhas aulas funcionarem através de inglês, mímica e muito desenho, eu achei que isso me fez uma pessoa mais versátil, hoje em dia eu consigo trabalhar com mais público por causa disso.

12- Você acha que sua experiência no exterior lhe modificou de alguma forma? Em quê?

Huuu, acho que em vários aspectos, primeiro porque na questão pessoal, eu acho que foi uma questão de ampliar horizontes e conhecer mais pessoas, quando você é de uma cidade pequena, na mesma rua desde muito pequeno você conhece pouca gente, eu acho que quando eu sai do país pela primeira vez pra morar, não pra visitar, mas pra morar, eu senti esse impasse de ter que mudar muito de ter que lidar com pessoas diferentes, até então eu sempre quis saber como lidar, eu tive que mexer com muita gente num período de tempo muito pequeno, assim eu acho que eu fiquei mais flexível, mais tolerante também. Ahhh em termos gerais, eu acho que assim, a maturidade né, de ter que ficar sozinho logo de cara também, e por hora sem família sem nada, por uma questão de desenvolvimento pessoal mesmo. Eu também acho que, (deixa ver mais em que mudei), eu acho que o amadurecimento meu em relação exatamente a compreender os outros, acho que isso mudou muito hoje em dia e reflete muito em meu trabalho, porque são pessoas diferentes o tempo todo que lido agora, mas aprendi por causa da experiência, eu acho que se eu não tivesse tido essa experiência eu não teria ficado mais flexível, mais compreensível.

13- Que aspectos de sua experiência no exterior você traz para sua prática como professor?

Vamo lá, em termos técnicos eu acho que tem haver com coisas básicas que vão desde dar a instrução pro aluno até dar o *feedback* pra ele. Da instrução eu acho que o que mais mudou foi a questão que, como eu falei no começo, como eu tive que trabalhar num país que falava outra língua dando aula de inglês, eu senti que eu tinha atravessar pro outro lado que ser claro, eu não podia rebuscar muito, então eu senti que foi uma questão assim que aprendi dar instrução assim claro o suficiente, direto ao ponto pros alunos, o que eu acho que hoje em dia ajuda muito o meu trabalho, também me ajudou a antecipar as dúvidas, porque eu tinha que improvisar porque eles iam me perguntar coisas em eslovaco que eu não saberia responder, eu não saberia entender a pergunta deles né, e eu também acho que na questão de aspectos, porque é uma cultura tão diferente, a questão de responder o aluno como dizer se ele está indo bem ou não está, não é como no Brasil que te puxa numa responsabilidade tão grande, que depois você aprende outras opções de como chegar e como dar esse recado pro aluno se ele está indo bem, na sala de aula eu também acho que fiquei um pouco mais compreensível e me deu muita ideia, porque lá, eu também acho que estar em outra cultura já aprendi muito essa prática, muitas atividades, o que não existe aqui, é um tipo um pouco diferente, também me ajudou muito nas minhas aulas aqui, e fico imaginando que é por causa da experiência lá.

14- Sua concepção de ensino-aprendizagem de língua se modificou? Como?

Deixa eu pensar, eu acho que é muito estranho porque tem muito tempo que morei fora então eu aprendi muita coisa na faculdade depois disso né já cortei várias crenças que eu tinha na época, senti que modificaram algumas coisas, por exemplo, eu acho que antes deu viajar eu via a língua como uma coisa, como uma ferramenta, assim que eu ensinava o vocabulário da língua, ensinava para os alunos a gramática da língua, uma coisa mais técnica, mais distante, mais instrumental, na experiência lá fora, na experiência no exterior, eu senti que eu tive que, a língua pra mim mudou, a língua passou a ser um instrumento de comunicação, então por exemplo, as minhas aulas de lá viraram mais uma questão de compreensão, então antes eram mais teóricas, instrutivas, era mais chegar no

quadro explicar conteúdo, depois da experiência de ter que me comunicar com os alunos o tempo todo eu precisei falar inglês pra ser compreendido, mas eu senti depois que voltei; as minhas aulas na época eu mudei para conversação, focava muito em ser compreendido, fazer o recado passar pra outra pessoa, no entanto hoje em dia eu carrego comigo até hoje né, de ler as intenções do outro, eu acho que isso tudo eu trouxe comigo na época, me marcou muito

15- O que foi mais difícil/mais fácil para você aprender na língua-alvo?

Deixa eu pensar aqui, o mais fácil é a gramática do inglês, eu acho a gramática muito simples, então sempre gostei muito de estrutura né, trabalhei com sintaxe depois, gostei muito, logo de cara eu já gostava de entender o Present Perfect, os desafios, qualquer elemento do nível sintático, o mais difícil que eu acho até hoje no inglês é a pronúncia, porque sempre tem alguma coisa que você vai descobrir que você não sabe ainda, eu acho que até hoje eu carrego isso comigo, e hoje em dia eu sou muito picuinha com isso, eu reparo mesmo a pronúncia de alunos eu ajudo eles desde do começo, porque foi algo que me negaram, a professora que eu tive na época não sabia tanto o bastante para me ensinar, então eu tive que corrigir muita coisa com o tempo e hoje em dia eu tento encurtar esse caminho pro meus alunos, eu acho que mais fácil seria a gramática e o mais difícil a pronúncia.

16- Como você lidou com as dificuldades linguísticas?

Então, com a pronúncia foi uma questão de tempo, foi assim eu acho que, foi uma coisa que eu percebi, uma coisa que me corrigiram, a maior parte das coisas hoje em dia eu tento pesquisar, eu fico curioso com alguma coisa eu vou atrás dela, pesquiso como se pronuncia e pratico um pouco. Eu costumo observar muito como eu falo, eu tento manter o máximo de autocrítica, então eu costumo toda vez que eu falo com alguém estou observando minha fala também, eu já gravei isso algumas vezes pra trabalhar isso também, depois ouvi minha fala em inglês, trabalhei porque achei que não estava muito bom, e também eu lembro de conversar muito com nativos na época e com falantes mais avançado que eu naquela época pra me ajudar a corrigir um pouquinho

17- E com as dificuldades culturais?

Ah, deixa eu pensar aqui... Eu sempre fui muito curioso, então eu perguntava muita coisa, então eu acho que sempre que eu sentia algum tipo de estranhismo eu perguntava para as pessoas, se dava um estranhamento em mim, se eu sentia algo desconfortável eu corria na hora e perguntava pra alguém assim, isso aqui é diferente, por que isso aqui é assim, se eu não gostei muito, sempre que eu entendo eu aceito, então era mais uma questão de compreensão, tipo, de algum aspecto que eu não gostei muito ou achei um pouco estranho. Eu acho que o que mais me incomodou, porque sair de uma cidade pequena e mudar pra outro país, foi difícil lidar com o distanciamento das pessoas, as pessoas são um pouco mais frias, um pouco mais distantes, no começo isso me incomodou um pouco até que eu entendi a dinâmica do país e me incluí nela, ah então eu acho que a questão pra mim é mais conversar e perguntar pra alguém do lugar, alguém que já tenha intimidade pra saber porque, entender porque é assim e depois lidar com isso, as coisas que não podia mudar então era melhor adaptar.

18- O que você aconselharia a quem vai passar algum tempo (fazendo intercâmbio) naquele determinado país?

[Deixa eu pensar aqui], Eu acho que, o que eu aconselharia é estudar um pouquinho da língua, nem que seja o básico, porque eu acho que pra qualquer lugar é bom, eu não achei muito difícil falar inglês com as pessoas lá não, acho também pelo tempo que estudei eu consegui falar inglês, mas eu acho que tem coisas nos países que quando você fala a língua deles eles se sentem um pouco mais de cuidado, não é cuidado, mas parece que é atenção, que você tentou, as pessoas que você acabou de conhecer parece que rola uma simpatia, [deixa eu ver aqui], pra ir pra Eslováquia o que eu recomendaria, eu sempre recomendaria pra qualquer pessoa ou país em questão buscar algum programa do lugar que você vai conhecer pessoas do lugar, por exemplo, hoje em dia eu penso que muito tempo na Eslováquia com voluntários que eu conheci que eram de outros países diferentes, era uma coisa mais intercultural, se eu tivesse que voltar hoje, acho que eu teria passado mais tempo com Eslovacos, por exemplo, talvez eu teria me inscrito em alguma aula de alguma coisa, lá era muito comum na época fazer aula de dança, fazer aula de

idioma ou ter aula de algum esporte, eu teria feito alguma dessas coisas, eu fiz todas individual ou em grupos pequenos, eu teria entrado numa aula de ... [sei lá de], um grupo de *hiking*, ou aula de teatro pra conhecer pessoas do país mesmo, passar mais tempo com eles, fora do espaço-controle, eu também acho que, também recomendo muito isso, ahhh também recomendo uma coisa que fiz na época que eu lembro que eles eram viciados num tipo de chat que eles tinham que eu entrei no chat e só conversava Eslovaco nesse chat, conheci muita gente legal, fiz amigos lá que eu tenho até hoje é basicamente eu tenho essa noção disso, tenho essa ideia de que quando está num país tem que tentar se incluir o máximo possível, eu penso que, uma coisa que eu percebi lá é que eles tinham um estilo muito parecido de moda e a primeira coisa que eu fiz quando cheguei lá foi comprar roupas daquele estilo, eu notei que eu nunca tive preconceito, porque eles não tinham essa concepção de onde é que eu era por isso, olhando eu parecia diferente, mas eu estava vestido como eles e agia como eles, eu senti que isso ajudava muito por causa de preconceito, eu tive amigos que chegaram com comportamento muito patriota e tinham um tipo de rejeição, percebi que é muito uma questão visual, de bater o olho e saber, às vezes a pessoa nem é, porque lá é um país focado em branco e negro e a questão dos ciganos, então por exemplo, eu tive amigos meus que são até mais brancos, mas sofreram preconceito por causa disso, uma questão mais fundamental, eu acho que é isso que eu aconselharia da Eslováquia hoje em dia, mandar e-mails, fazer amizade com eles.

19- Você recomendaria alguém a fazer intercâmbio no exterior? Por quê?

Sim. Eu recomendaria. Eu sempre recomendo na verdade, mais por questões pessoais do que por questões técnicas. Por exemplo, Eu penso muito é a, não tem que morar fora para falar uma língua, você pode aprender a língua no seu país isso é fato, depende da questão do contexto, de quanto você vai dedicar, você pode passar 10 anos fora e voltar sem falar o idioma local, (como tem estudo que aponta isso) é que ta ligado na interação com mais pessoas, gente diferente, lidar com situações diferentes é porque a cultura aqui no Brasil é diferente de outros países, não adianta, estar no Brasil é diferente de estar em outro país, então eu acho que muda muito o contexto, onde você está inserido, isso vai da pessoa, embora a gente se sinta mais motivado, acho também que te ajuda a achar mais soluções para pensar em problemas que jamais pensaria no seu lugar, no seu país de origem, também acho que, sim essa questão que a

língua ajuda, ajuda sim, não o aprendizado de que as pessoas de lá são melhores que as daqui, isso é mentira, mas acredito na questão que, as vezes ajuda na interação, o fato de sentir a necessidade de usar a língua e de dedicar um pouco mais a ela, vai da pessoa, tem gente que não gosta e tem gente que é forçado, daí leva mais a sério, acho que isso é um fato que também ajuda, então acho que recomendo sim e recomendo muito.

ENTREVISTADO 3

1- Qual é o seu nome?

Ana

2- Qual a sua nacionalidade?

Brasileira

3- Qual a sua formação

Sou graduada e mestre em administração

4- Qual a língua adicional você leciona?

Eu já lecionei inglês e espanhol

5- Quanto tempo você leciona?

Lecionei por cerca de 2 anos

6- Onde você leciona?

Durante 1 ano quando fazia intercâmbio no exterior e depois mais cerca de 1 ano, 1 ano e pouco em escola de idioma.

7- Você se reconhece como professora?

Sim. Eu me reconheço inclusive pela formação que eu estou buscando, fazendo mestrado e agora estou fazendo doutorado justamente pra seguir na carreira acadêmica.

8- Alguém te motivou a ser professor?

Acho que não foi uma pessoa, mas foi a experiência que eu tive quando eu fiz o intercâmbio, eu tinha que dar aulas, então acabou me motivando um pouco, quando eu retornei eu terminei a graduação e decidi que queria seguir essa carreira.

9- O fato de estar inserida em outra cultural (país) despertou em você o interesse de lecionar uma língua adicional?

Eu acho que pela experiência de dar aula acabou despertando e também por querer melhorar né a fala, principalmente do inglês, buscar melhorar os meus conhecimentos sobre a língua estrangeira.

10- Por quê você escolheu aquele país?

Na verdade quando eu fiz o intercâmbio eu não escolhi, era um projeto e a única opção que tinha pra ir era pra esse país que é a Eslováquia, então não foi bem uma escolha, mas foi por querer participar do intercâmbio.

11- O que você achou mais interessante da sua experiência no exterior?

Bom, quando eu morei fora, gostei além da experiência de conhecer novas pessoas, novas culturas. E a questão também de aprimorar a fala principalmente da língua inglesa, de poder praticar o espanhol enquanto eu dava aula também, que antes eu não praticava tanto, é..., realmente poder estudar mais, pra poder aprimorar, buscar sempre conhecer mais. E eu acho que assim a cultura influenciou bastante, principalmente na Europa que o pessoal geralmente lê bastante, tem o costume de falar várias línguas, aprender várias línguas, e a convivência com pessoas de vários países que acaba incentivando a gente a querer aprender uma língua estrangeira.

12- Você acha que sua experiência no exterior lhe modificou de alguma forma, em que?

Eu acho que sim. Eu acho que serviu, principalmente porque eu era muito nova, quando eu fui eu tinha 19 anos, então pra amadurecimento tanto pessoal quanto em aspectos profissionais, por exemplo, antes eu nunca tinha pensado em dar aulas e lá acabei aprendendo, é... eu era muito tímida, então quando eu comecei a dar aulas eu tive que me soltar, aprender ter uma postura dentro da sala de aula, é... de ter uma certa cobrança com os alunos, principalmente porque eu tinha alunos que era da minha idade, então de não transparecer

aquela imagem de colega, mas de professor, eu acho que isso quando eu voltei me ajudou muito a continuar dando aula aqui, porque me ajudou a ter essa postura de um professor dentro da sala, de como me portar de como agir, como chamar a atenção do aluno, como ensinar, as técnicas de ensino, também eu acho que ao longo que a gente vai fazendo, porque eu não tive uma formação pedagógica, então ao longo da experiência, eu fui aprendendo qual era o melhor caminho, as melhores técnicas, o que pra mim dava mais certo, o que dava mais certo para os alunos, então acho que nesse sentido me modificou bastante.

13- Que aspectos da sua experiência no exterior você traz para sua prática como professora?

Bom, eu acho que é um pouco igual eu falei na questão anterior, da experiência que eu tive, do que eu aprendi com essa experiência, já que eu não tinha uma formação específica para professora, então eu acho que a experiência que eu tive lá, a questão dos aspectos culturais também, de buscar trazer coisas interessantes, principalmente quando eu voltei pra cá, é... de trazer coisas para os alunos não só que ficasse restritas a aquele conteúdo da aula, mas informações adicionais que tivesse haver com cultura, com os costumes de outros países, os modos de falar, as gírias, esse tipo de coisa que eu acho que a gente acaba trazendo depois para as práticas na sala de aula, diante dos alunos.

14- Sua concepção de ensino-aprendizagem de línguas se modificou, e como?

É difícil essa, kkk, é..., eu acho que sim, porque até eu fazer o intercâmbio eu tinha passado só pelo lado de aluno, nunca pelo lado de professor, e aí com a experiência lá, eu acho que a gente consegue perceber, aprender que existem várias formas de realizar esse processo de ensino-aprendizagem, alguns alunos aprendem de uma forma mais fácil com determinado método, com determinada prática, enquanto outros talvez não vão se adaptar tão bem, e aí a gente acaba tendo que ir buscar os melhores caminhos, tentando se adaptar a realidade de cada aluno, então eu acho que nesse sentido, eu acho que sim.

15- O que foi mais difícil / mais fácil para você aprender na língua- alvo?

Eu acho que a parte mais fácil foi a parte de escrita e a gramática, que eu tinha bastante facilidade para guardar, pra memorizar a parte de gramática, então isso acabava facilitando na escrita, a parte que eu tinha mais dificuldade era na parte de ouvir, treinar o ouvido para conseguir entender e ter uma boa compreensão, principalmente quando fosse conversar com nativos da língua, então no começo eu tinha bastante dificuldades e eu acho que a experiência no exterior ajudou nisso também a desenvolver essa dificuldade que eu tinha, melhorar e a questão também de vocabulário né que eu também tinha um pouco de dificuldade para guardar muitas palavras, o significado, é... então além da parte de ouvir de audição era a parte que eu também tinha mais dificuldade essa questão de vocabulário, de memorizar mesmo, pela questão de quantidade de palavras e pela diversidade de significados que as vezes uma mesma palavra podia ter no inglês.

16- Como você lidou com as dificuldades linguísticas?

Bom, eu acho que a parte de audição igual eu falei é a experiência realmente de estar inserido em um contexto em que eu era obrigada a falar, principalmente o inglês, já que eu não falava o eslovaco, e o português não tinha ninguém que falava no país, então eu tinha que realmente lidar com o inglês e isso com o tempo a gente acaba acostumando e vai aprimorando a partir da audição e o vocabulário a medida que a gente vai tendo que usar sempre, acaba memorizando melhor do que quando a gente só estuda, quando a gente não está inserido neste contexto que a gente realmente tem que praticar a língua.

17- Como você lidou com as dificuldades culturais?

Bom, no começo foi difícil adaptar, até porque o país na verdade ele não é um país nem latino nem um país de origem inglesa, então igual eu falei a língua lá é o eslovaco e a cultura era bem diferente também, porque ali naquela região da Europa eles têm uma cultura bem distinta do que a gente está acostumada no Brasil, então no início foi um choque, era bem distinto mesmo, mas com o tempo a gente vai se acostumando e ao meu ver as diferenças

culturais elas acabam contribuindo muito para a formação da gente também, igual eu comentei da questão de na Europa eles terem o hábito de estudarem várias línguas, desde a escola no ensino médio já eles são obrigados a estudarem duas ou três línguas, então eu acho que isso acaba influenciando de uma forma positiva, porque a gente acaba se interessando pela cultura e pelos hábitos que eles criam lá.

18- O que você aconselharia a quem vai passar um tempo (fazendo intercâmbio) naquele determinado país?

Eu acho que o principal é se preparar antes de ir, não simplesmente ir só pra querer enfrentar tudo lá, eu acho que é bom ter um preparo antes, principalmente pela língua não ser o inglês, então talvez conhecer algumas expressões, palavras-chaves da língua pra onde você vai, se você for no caso para um país de língua inglesa, eu acho que seja ainda melhor né, porque você pode estudar o inglês aqui, é uma língua mais fácil de ser estudada aqui no Brasil, então eu acho que realmente você tem que ter um conhecimento básico pra não passar tanto aperto, tanta dificuldade e até pra você conseguir se adaptar, conseguir se relacionar com as outras pessoas, conseguir absorver melhor as diferenças culturais, os hábitos que você vai ter nesse lugar que você for visitar, eu acho que a parte cultural é muito importante de conhecer também até pra você não correr o risco de desrespeitar a cultura das pessoas ou de fazer alguma coisa que lá eles não tem o costume, ou as vezes a pessoa pode ficar numa questão constrangedora, então é importante isso, se preparar na questão da língua e também na questão cultural; [nessa parte de constranger as pessoas, em qual âmbito você está falando? Questionamento da pesquisadora durante a entrevista] não, eu falo, as vezes em um costume simples que a gente tem aqui, pra eles é uma coisa um pouco diferente, então as vezes a pessoa pode ficar um pouco sem graça, pode ficar sem entender o que você quis dizer, ou o que significou aquele gesto, igual aqui é comum quando a gente chega e encontra um amigo abraçar ou dar um beijo no rosto, na Europa por exemplo eles já não tem muito esse costume, o costume é o aperto de mão então, talvez as coisas que sejam bem simples mas que é de cada cultura local pode fazer a diferença, então eu acho que é nesse sentido de constrangimento que eu falo.

19- Você recomendaria alguém a fazer intercâmbio no exterior? Por quê?

Sim. Eu recomendaria. Eu acho que tem vários motivos. Tem a questão de aprimorar uma língua se você está estudando, se você interessa e quer realmente, aprender, praticar, fixar, memorizar tudo aquilo que você aprendeu eu acho que a experiência no exterior é a melhor forma, porque igual eu falei, você está inserido em um contexto que você realmente tem que utilizar aquilo que você aprendeu e eu acho que a prática é um dos melhores meios de aprendizagem, então acho que nesta questão da língua e acho que tem nas questões pessoais também e profissionais que com certeza eu acho que ajuda a pessoa amadurecer, ou ter novas perspectivas, novas possibilidades, né, a questão de conhecer novas culturas, então eu acho que os motivos são vários, os principais seriam esses que eu citei.